



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

CONSELHO DE ÉTICA E DECORO PARLAMENTAR		
EVENTO: Audiência Pública	Nº: 1316/07	DATA: 23/8/2007
INÍCIO: 9h50min	TÉRMINO: 13h43min	DURAÇÃO: 3h12min
TEMPO DE GRAVAÇÃO: 3h11min	PÁGINAS: 114	QUARTOS: 39

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Delegado Titular do 7º Distrito Policial de Osasco, Estado de São Paulo.
GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Investigador de Polícia do 7º Distrito Policial de Osasco, Estado de São Paulo.

SUMÁRIO: Apreciação de requerimentos. Tomada de depoimentos.

OBSERVAÇÕES

Há expressões ininteligíveis.
Houve intervenções fora do microfone. Inaudíveis.
A reunião foi suspensa.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Havendo número regimental, declaro aberta a 15ª reunião do Conselho de Ética e Decoro Parlamentar da Câmara dos Deputados.

Encontram-se sobre a bancada cópias das atas da 14ª reunião. Indago aos Srs. Parlamentares se há necessidade de lê-la.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Sr. Presidente, peço dispensa da leitura da ata.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Os Srs. Deputados que forem favoráveis ao requerimento de dispensa da leitura da ata permaneçam como se encontram. (*Pausa.*)

APROVADO.

Os Srs. Deputados que forem favoráveis à aprovação da ata permaneçam como se encontram. (*Pausa.*)

APROVADA.

Antes de dar início à Ordem do Dia, gostaria de submeter à deliberação dos senhores membros os requerimentos apresentados pela Deputada Solange Amaral, Relatora do processo, e pelo advogado do Representado.

Requerimento nº 9/2007. Requer seja solicitada ao Departamento de Polícia Legislativa da Câmara dos Deputados informação sobre se há registro de ocorrência no dia 1º de fevereiro de 2007 envolvendo os Deputados Mário de Oliveira e Carlos Willian, visto que o Deputado Carlos Willian alega que os agentes de segurança impediram agressão física por parte do Deputado Mário de Oliveira.

Em discussão. (*Pausa.*)

Em votação.

Os Srs. Deputados que o aprovam permaneçam como se encontram. (*Pausa.*)

APROVADO.

Requerimento nº 10/2007. Requer a oitiva do Deputado Damião Feliciano e do Sr. Divino Omar do Nascimento, testemunhas arroladas na representação oferecida pelo Deputado Carlos Willian em razão de agressões sofridas no dia da posse.



Em discussão. *(Pausa.)*

Em votação.

Os Srs. Deputados que o aprovam permaneçam como se encontram.

(Pausa.)

APROVADO.

Requerimento do Dr. Itapuã Prestes de Messias, advogado do Deputado Mário de Oliveira, Representado. Requer perícia na gravação do depoimento de Odair e na acareação com Celso Nascimento, tais como trucagem, montagem e demais.

Em discussão. *(Pausa.)*

Em votação.

Os Srs. Deputados que o aprovam permaneçam como se encontram.

(Pausa.)

APROVADO.

Srs. Deputados, recebemos da Delegacia Seccional de Osasco, 7º Distrito Policial, cópia do DVD do Inquérito Policial nº 93/2007, com informações das investigações, depoimentos dos envolvidos, fotos, vídeo e áudio das ligações telefônicas contidas no *chip* apreendido. A esses documentos foi dado o tratamento de documentos sigilosos, motivo por que não poderão ser reproduzidos ou retirados da Secretaria do Conselho. Assim sendo, comunico aos senhores membros que os referidos documentos estão disponíveis na Secretaria do Conselho para V.Exas. tomarem conhecimento do seu conteúdo.

Ordem do Dia.

A presente reunião tem por finalidade a produção de prova testemunhal, com oitiva dos policiais do 7º Distrito Policial de Osasco, São Paulo, responsáveis pela prisão do Sr. Odair da Silva. Testemunhas requeridas pela Deputada Solange Amaral, Relatora do processo instaurado contra o Deputado Mário de Oliveira.

Comunico a presença do advogado do Deputado Mário de Oliveira, Dr. Itapuã Prestes de Messias. O Dr. Itapuã Prestes de Messias substabelece à Dra. Laura Guimarães Figueiredo Nunes.



A respeito dos depoimentos das testemunhas, temos alguns esclarecimentos a fazer ao Plenário, de acordo com o que dispõe o art. 12 do Regulamento deste Conselho de Ética e Decoro Parlamentar.

Será dada a palavra à Relatora, Deputada Solange Amaral, para as perguntas, que poderão ser feitas neste momento ou quando entender necessário. Após a inquirição inicial, será dada a palavra ao Representado ou a seu procurador. A chamada para que os Parlamentares inquiram os depoentes será feita de acordo com a lista de inscrições.

Gostaria de lembrar aos Srs. Deputados que hoje temos 5 testemunhas. A primeira testemunha é o Dr. Marcos Rodrigues de Oliveira, Delegado de Polícia e Titular do 7º Distrito Policial de Osasco, São Paulo.

Antes de começarmos, há um termo de compromisso que o Dr. Marcos deverá assinar:

“Nos termos do art. 12, inciso I, do Regulamento do Conselho de Ética e Decoro Parlamentar, presto o compromisso de falar somente a verdade sobre o que me for perguntado acerca dos fatos relativos ao Processo nº 5, de 2007; Representação nº 12, de 2007, instaurados contra o Deputado Mário de Oliveira.

Sala das Sessões, 23 de agosto de 2007. Marcos Rodrigues de Oliveira.”

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Pela ordem, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Tem V.Exa. a palavra.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Sr. Presidente, hoje temos 5 testemunhas. Vamos ouvir agora o Delegado Dr. Marcos Rodrigues de Oliveira, não é isso?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - É isso.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Gostaria de saber se os outros policiais se encontram nesta Sala.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Já se encontram, estão na sala da Presidência.



O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Mas não estão aqui?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Não, estão na sala da Presidência.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - O.k.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Então, inicialmente, com a palavra a nobre Relatora, Deputada Solange Amaral.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Cumprimento o Delegado Dr. Marcos Rodrigues de Oliveira, a quem agradeço pela presença.

Em princípio, temos aqui, além do Delegado, outros 4 policiais: Sr. Geraldo Buscariolli Júnior; Sr. Regis Francisco do Espírito Santo; Sr. Mauri Lucio Zeizer e a Sra. Antonieta Buonopane.

Vou dar um tempo ao Delegado para fazer sua exposição inicial, caso queira. A seguir, rapidamente, gostaria que nos desse explicações a respeito das funções dos outros 4 policiais a serem ouvidos, que, salvo engano, trabalham sob sua liderança.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Senhoras e senhores, bom dia! Como já dito, sou Delegado do 7º Distrito de Osasco, há algum tempo. Com relação aos fatos objeto da apuração desta Comissão, primeiramente quero informar que não conheço, nunca conheci, nem por televisão ou por jornal, nenhum dos 2 Deputados, tanto o Carlos Willian como o Mário, sequer sabia da existência deles. A respeito da apuração que foi instaurada por nós, na Delegacia, sou Delegado naquele Distrito há mais de 6 anos, e no dia 19 de junho o setor de investigação, que é coordenado pelo Sr. Geraldo Buscariolli, efetuara a detenção de um indivíduo chamado Odair da Silva, próximo a Osasco, em Tamboré — área contígua a Osasco, que pertence a Barueri. Esse indivíduo, no momento da detenção, disse que teria ficado muito nervoso e, por isso, foi conduzido à Delegacia, já que eles estavam procurando uma outra pessoa. Levado até à Delegacia, demonstrou interesse em falar, contar o que sabia a respeito do que foi perguntado, porque ele estava conversando com uma pessoa que era conhecida como o matador da região. O que aconteceu? Ele foi inquirido inicialmente no setor de investigação, pelos investigadores. Narrou toda a história, toda aquela trama que



ele estava delatando, envolvendo pessoas de fora de São Paulo. Uma vez feito isso, eles o passaram para minha presença e eu encaminhei o Sr. Odair para ser ouvido em cartório para inquirição, com escrivão, quando, então, o ouvimos em declarações. Não foi feita prisão em flagrante, como todo mundo divulgou. Na verdade, minha opção foi por instaurar inquérito policial, que é uma medida não contundente — não ia traumatizar o indivíduo. Como ele já estava disposto a fazer a delação, então, preferi não fazer o indiciamento porque, normalmente, o indivíduo que conhece as leis, vive no mundo do crime, no submundo, quando se fala em indiciamento, ele se cala. Diz que quer ser interrogado em juízo. Fizemos a opção por oitivas em declarações. Por quê? Para dar liberdade à pessoa a fim de que falasse à vontade, como de fato ele falou bastante, contou que era um ex-viciado em entorpecentes, que a partir de novembro de 2006 passou a freqüentar determinada Igreja. Logo em seguida, conheceu outra pessoa da mesma Igreja, da gráfica da Igreja, e essa pessoa fez comentários com ele dizendo que uma pessoa conhecida estava muito aborrecida com outra conhecida porque tinha causado um prejuízo e uma humilhação muito grande. Essa pessoa seria o Celso, indivíduo que vocês já devem conhecer. Esse Celso teria falado que a vítima da dívida e da humilhação pretendia matar o desafeto e pediu ao Odair que encontrasse alguém que fizesse esse tipo de serviço. O Odair narrou que algum tempo ele demorou mas conseguiu contatar um indivíduo chamado Alemão. Esse indivíduo fez a tratativa, cobrou determinado preço, 150 mil reais. O combinado seria que a parte inicial seria a metade, receberia metade e a outra parte ao fim do serviço. O Odair passou a informação de que logo no mês de novembro ele veio e foi recomendado por Celso para vir até Belo Horizonte para conversar com um indivíduo chamado Marcos, também, que seria motorista do Deputado Mário. Esse Marcos é que definiu quem seria a vítima, que seria o Carlos Willian. Definiu e falou: “*O Carlos Willian é que é o desafeto do Deputado*” etc. Deu todas as especificações. Com ele foram acertados valores, etc. Durante a oitiva ele se mostrava bastante solícito, querendo colaborar. Nunca se contrapôs para dizer que houve alguma coação; ele estava bastante à vontade. Narrou que no período de novembro ele viajou várias vezes para Belo Horizonte, inclusive, até o mês de junho ele ainda continuou viajando, inclusive pela



TAM. Salvo engano, ele tinha um cartão da TAM. Fez inúmeras viagens, sempre em companhia de uma ou de outra pessoa. Esteve em Belo Horizonte acompanhando os passos do Deputado Carlos Willian, para ver o modo de vida dele, onde ele freqüentava, onde ele morava. Isso tudo para obter informação para repassar, logicamente, para o matador. Narrou também que esteve em Belo Horizonte e lá recebeu dinheiro do Marcos. Em várias oportunidades, conversou com o Deputado Mário de Oliveira. E depois ele definiu que o Celso era um indivíduo da gráfica, da editora da Igreja Quadrangular. Diante disso, pedi ao Júnior e aos demais investigadores que fossem até o local que ele indicou para ver se conseguiam trazer o Celso para a Delegacia. De fato, isso aconteceu. O Celso não se opôs, não pediu presença de advogado, não comunicou ninguém no local de que estava sendo levado para a delegacia, estava sendo preso, não fez escândalo nenhum. Simplesmente saiu quieto, porque tomou conhecimento do que estava acontecendo. O Sr. Geraldo chegou para ele e contou: *“Olha, está acontecendo isso, isso, isso, você foi acusado de ter conversado com o Odair para agenciar um matador para matar um Deputado. É verdade?”* Ele foi, não manifestou preocupação nenhuma. Foi até à Delegacia. Chegou lá, o Sr. Celso negou tudo. *“Não, não tenho nada a ver com isso. É tudo mentira. Esse Odair é débil mental.”* Só que depois ele caiu em contradição, porque ele ofendeu o Odair, inclusive, quase teve desavença porque chamou o indivíduo de débil mental. Mas ele não explicou como viajava com o Odair. *“Não, eu viajei várias vezes com o Odair para Belo Horizonte. Ficamos nos mesmos hotéis, inclusive, com minha família, com a família dele”.* Houve coisas que não se justificavam: ofende a pessoa e viaja junto. Conseguia manter aquele contato, infelizmente, até meio promíscuo. A verdade é que, durante a acareação, percebi que o Sr. Celso fixava o braço justamente para não demonstrar nervosismo, porque estava num ambiente hostil para ele, não é verdade? Normalmente a pessoa fica meio preocupada, nervosa, se movimentando. Ele travou o braço e a perna, para ficar fixa. Quer dizer, a gente percebe que ele está acostumado a fazer isso. Em contrapartida, o Odair já ficava mais nervoso, esfregando as mãos, acho que transpiravam muito, um negócio até estranho. Mas é a verdade, aconteceu exatamente isso. O Odair não ficou algemado, tanto que na acareação ele ficou com



as mãos toda hora se esfregando, na mão, na perna, etc. E, depois disso, nós logicamente fizemos um relatório e encaminhamos ao juiz justamente pedindo providências, porque era um caso bastante delicado, envolvendo personalidades da Casa dos senhores, como também era um caso que, pelo pouco conhecimento, eu acreditava que, como de fato era, precisava de aprovação do Supremo para autorizar a investigação. Então evitei o fragrante porque era um caso contundente, e o fragrante, a medida é contundente e tem que encerrar a investigação em 10 dias. O inquérito policial já é mais... pode-se pedir prazo e justamente fica a apreciação do juiz para ver o que se pode fazer. Foi encaminhado ao fórum e no fórum justamente aconteceu que a juíza entendeu que o fato devia ser remetido para o Supremo para apreciação. Depois disso saiu das nossas mãos a apuração. Eu acredito que, em tese ou em resumo é isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Obrigado. Com a palavra a Relatora, por favor.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Até explicar para os colegas, senão vou procurar me estender muito, porque nós temos 5 pessoas para ouvir.

Inicialmente gostaria de pedir ao Sr. Delegado... O senhor disse que tem 6 anos nessa Delegacia.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Exatamente.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - O senhor descreveu assim: foram num shopping, a pessoa estava nervosa, foi presa por acaso.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não, eles foram investigar justamente o tal do Alemão porque, o nosso...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - O senhor já tinha ouvido falar nesse tal de Alemão?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não, veio a informação pelo investigador de que o indivíduo Alemão estaria naquele shopping, que ele...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Mas esse Alemão era uma pessoa procurada?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Fama de matador.



A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Já tinha fama de matador? Já existia esse personagem?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Uma pessoa ligou, falou: “*Tem um tal de alemão, indivíduo que matou fulano, mata pessoas, está no shopping*”. Eles foram lá para checar, não é verdade?

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Mas, como assim, mata pessoas, doutor? Esse personagem... porque é uma figura que a gente ainda não consegue saber.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Exatamente.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Ele já era uma figura alvo de procura, de interesse, de inquérito da Delegacia?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Veja bem. Nós tínhamos casos de homicídio, porque a gente apura homicídio, na nossa Delegacia, de autoria desconhecida.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Certo.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Mas a gente apura em colaboração com o setor especializado, porque a Delegacia, na verdade, só instaura inquérito para apurar homicídio quando tem autoria conhecida e porque tem um setor especializado que, em caso de desconhecido, instaura inquérito. Mas mesmo assim a gente continua justamente investigando.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Claro.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - E veio a informação de que uma pessoa que teria morrido lá, que foi jogado um corpo lá, possivelmente seria vítima desse tal Alemão. Aí eles foram lá checar, não é verdade?

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Sim.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - O indivíduo chegou no shopping, a pessoa com traço típico do Alemão se levantou e saiu, o outro também saiu, tentando se desvencilhar. Logicamente devia ter alguém ali para avisar, não é? Porque o indivíduo no mundo do crime não anda sozinho, ele anda com vários. E os policiais meus, o Júnior trabalha comigo há mais de 10 anos, e eu trabalho em Osasco há mais de 15. Todos eles trabalham há muito tempo lá. São bastante



conhecidos. Entende? Possivelmente alguém viu ele chegando num lugar, que é bastante...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Todos os 4 são inspetores?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Investigadores.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Investigadores, perdão.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - O Mauri é agente policial; o Júnior é investigador encarregado; o Régis é investigador e a Antonieta também. Chegaram ao local, viram que um saiu para um lado e o outro para outro, eles foram em cima do que estava mais perto, correto? Aí efetuaram a detenção do Odair.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - É rotina na Delegacia filmar as pessoas que são presas?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Devido ao fato de ser de... ele já começou a enunciar o fato absurdo, inicialmente é uma trama diabólica. Chega um fato diferente desse, eles tomaram o cuidado de filmar. Já tínhamos filmadora em toda a Delegacia.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - O senhor tem filmadora na Delegacia? A Delegacia é...

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Tem casos... Exatamente. Já tivemos casos de pessoas...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Todas as pessoas que o senhor prende o senhor costuma filmar?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Exatamente...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Os seus inspetores?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Para evitar justamente controvérsias.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Todas as pessoas lá são filmadas?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não todas, alguns casos que é de interesse, não é verdade? Casos que a gente acha que são de repercussão eu falo: "*É bom tomar o cuidado de filmar*".



A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - De lá para cá, por exemplo, outros casos a Delegacia filma?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Filma, vários casos de seqüestros, inclusive essa equipe minha presta auxílio voluntário, caso de anti-seqüestro na cidade, não tem uma equipe fixa, tem a Homicídios, e o Sr. Geraldo Buscariolli é chefe de uma equipe anti-seqüestro também, fora da minha Delegacia. Então, em casos de seqüestros é trazido, é filmado, o interrogatório e tal, para justamente evitar que a pessoa ...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - A Delegacia faz isso com alguma rotina?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Faz, em casos de repercussão, justamente para evitar algum...falar...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Porque há uma filmagem do Odair algemado, assim que é preso...

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Isso, no Setor de Investigação, mas depois, no cartório... tanto que o Sr. Braz foi lá na hora da acareação, os 2 estavam sem algema, sem nada. E outra, pela intimidade que eles tinham, porque viajavam juntos, ficavam em hotéis em Belo Horizonte, não era o caso de o Sr. Odair reclamar alguma coisa com ele se tivesse sido constrangido? Não, na verdade o Odair ficava aborrecido porque o Sr. Celso negava. Aí ele falava: *"Quer dizer que eu fico sozinho nessa e ainda você me ofende e xinga?"*. Eu falei, não, o problema de ofensa é um crime de injúria menor. O crime que está sendo apurado é um crime grave, vingança com paga, recompensa, é um crime mais grave. Inclusive, a acareação foi filmada também.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Delegado, pela sua experiência — o senhor é uma pessoa que conhece a área e está lá há muito tempo —, o que o senhor acha desses fatos, dessa história, dessa situação? A sua experiência, o que diz? O senhor estava lá no momento em que ele foi levado?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Certo.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - O senhor estava na Delegacia?



O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Estava. A primeira coisa que é interessante é que no mês de novembro ele passa a freqüentar uma igreja e no mesmo mês de novembro ele já tem contato com a cúpula, já começa a ter contato com a liderança. É uma coisa incomum, não é verdade? Já passa a figurar como... Ele mesmo falou que no mês seguinte já viajou por conta da igreja, etc, e isso já tornando uma pessoa íntima ali da liderança. Aí é um caso até ... leva a crer que havia uma credibilidade no que ele estava falando. E se os senhores puxarem pela TAM vão ver que o Odair viajava barbaridade, é um... experiente. Inclusive, a sugestão, se eu continuasse investigando, o que faríamos? Toda vez que o Odair chegava em Belo Horizonte ele ligava para o Marcos. É muito simples. Chegou em Belo Horizonte, o dia do vôo, ele chegou em Belo Horizonte, quebra o sigilo do Marcos, vai ter telefonema de alguém chegando, ligando em determinada hora. É coisa simples. Quer dizer, simples, depende logicamente da quebra de sigilo. Quer dizer, tudo isso é uma série de investigações. Um Delegado lá de Osasco, lá da periferia, para fazer isso fora da cidade, é um pouco difícil, mas não é impossível também. Tanto que foi por isso que instaurei inquérito.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - E daí a combinar para matar, o que o senhor...

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Eu acredito que sim, porque... inclusive, pela TAM mesmo ele viajou no dia 14, o Odair. Se os senhores procurarem verificar, ele viajou no dia 14 e voltou de Brasília para Belo Horizonte acompanhando, acredito, o Deputado vítima. Se procurar verificar no avião, etc., eu acredito que estavam todos juntos. Quer dizer, isso aí foi levantado na investigação posteriormente, mas depois foi brecado, lógico. Eu acredito que esse tipo de conduta ia terminar em algo fatal.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - O senhor já teve outra notícia sobre essa figura chamada Alemão?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não. Porque quando surgiu o problema instauramos o inquérito, saiu do controle, nós procuramos investigar o fato ali. Agora passamos a informação... o Sr. Geraldo, que é o investigador encarregado, ele é que coordena a investigação. Falei: *“Olha, vocês têm de*



procurar". Tentamos localizar, recebemos uma informação anônima do tal Alemão num determinado lugar, chegamos lá era um indivíduo negro, com o apelido de Alemão. Foi até uma brincadeira e gerou até um fragrante, etc. Infelizmente tem brincadeira para tudo, mas continuamos procurando, etc.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - O senhor conhece o fato de que o Odair teria alterado o seu depoimento em outro momento junto a outras autoridades? O senhor conhece esse fato?

SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Eu soube que ele teria dito que ele teria sido torturado na Delegacia, etc. Mas não sei também, sinceramente, não.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Nós aqui, salvo engano, nenhum de nós conhece o Odair. O senhor conheceu.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Ele foi à Delegacia...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - O senhor poderia falar um pouquinho qual é a sua impressão dessa figura? Seria uma pessoa muito simples, um débil mental — foi a expressão que o senhor... que alguém usou?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - O Celso chamou ele de débil mental, mas ele não é nenhuma ...é pessoa até com experiência. Ele foi à Delegacia, foi inquirido, porque nós apreendemos uma moto dele. A moto está aprendida até hoje lá. Está no pátio. Ele voltou no dia seguinte para tentar retirar a moto e voltou no outro dia ainda, subsequente. Quer dizer, por 2 vezes, além do dia 19, ele voltou na Delegacia para procurar a bendita moto dele, ele queria levar embora. E ele demonstrava sempre solicitude, inclusive tentou pegar amizade com os demais investigadores, tentando ficar amigo de todos para conseguir levar a moto. Inclusive, o indivíduo, cujo nome está no documento do CRV, esteve junto com ele lá. Eu falei: "*Não, a moto ele já falou que tinha comprado essa moto, como é que o senhor vai falar que a moto é do...*". Mas na verdade disse que era um dono de padaria, que era amigo dele, que comprou a moto dele, não sei o que...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Como é que o senhor poderia descrever essa pessoa?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - É uma pessoa experiente, experta. Inclusive, quando ele conversava a respeito do Deputado Mário, ele tratava



o Deputado até com menosprezo. Ele achava que... malandro, sabe, querendo passar a perna, se dar bem.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Não entendi, se dar bem ele, o Deputado?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não, o Odair; malandragem, não é? Porque não é um indivíduo simples, humilde, é um sujeito malandro. Tanto que, salvo engano, ele não tem passagem policial.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Salvo engano ...

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não tem registro policial.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Não tinha?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não, então... É. Em Osasco tem fama de lugar de bandido e têm alguns bandidos famosos. Mas tem muito preso. Na verdade são bandidos famosos presos. Agora tem... lógico que ficou esse aí.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - O senhor, como Delegado, acreditou nas coisas que ele disse?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Eu acreditei pelo fato de justamente no mês de novembro ele participar de uma igreja e logo nesse mesmo mês já começar a ter contato com pessoas, passar a viajar. Ele não é uma pessoa...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - O senhor acreditou que ele estava organizando um homicídio?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Eu acredito que sim. Por quê? Ele não era uma pessoa de conhecimento, comércio, etc, de administração, para fazer parte de uma... ser dirigente da igreja, nada disso, sei lá. Tanto que o Celso disse que ele era ajudante, qualquer coisa assim, recebia um salário de 1.200 reais. Então, não era para ter uma desenvoltura tão grande assim.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Presidente, por enquanto é só, só lembrando que ainda temos mais 4 pessoas para ouvir.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Eu darei a palavra aos Deputados inscritos para o debate, mas eu faço um apelo que sejam breves, pois nós temos 5 testemunhas.



Com a palavra o Deputado José Carlos Araújo.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Sr. Presidente, nobre Relatora...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Um momentinho só, Deputado, eu acho que nós nos equivocamos.

Com a palavra a advogada do Deputado Mário Oliveira. Posteriormente concederei a palavra a V.Exa.

Tem a palavra a Dra. Laura Guimarães Figueiredo Nunes.

A SRA. LAURA GUIMARÃES FIGUEIREDO NUNES - Sr. Presidente, Sra. Relatora, eu saúdo os eminentes Deputados que estão aqui e o Dr. Marcos. Gostaria de saber se a Delegacia tem algum controle sobre os números de telefones que ligam para lá, se tem um bina, um identificador de chamadas.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não tem.

A SRA. LAURA GUIMARÃES FIGUEIREDO NUNES - Não tem.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Justamente a linha é do Estado e o Estado não paga o bina.

A SRA. LAURA GUIMARÃES FIGUEIREDO NUNES - Então não tem como saber de onde veio a ligação anônima?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não, senhora.

A SRA. LAURA GUIMARÃES FIGUEIREDO NUNES - Foi realizada uma operação atrás do Alemão aquele dia no shopping.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Certo.

A SRA. LAURA GUIMARÃES FIGUEIREDO NUNES - O senhor disse que o Alemão saiu para um lado, o Odair ...

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Eu não estava no local.

A SRA. LAURA GUIMARÃES FIGUEIREDO NUNES - Não, sim, que os investigadores disseram.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Exatamente.

A SRA. LAURA GUIMARÃES FIGUEIREDO NUNES - Não houve interesse, já que estavam em 4, em 2 saírem atrás do Odair e 2 saírem atrás do Alemão, porque estavam perseguindo efetivamente o Alemão, o matador. Então não houve



interesse nesse sentido e depois não houve mais buscas pelo Alemão nesse sentido?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Veja bem, o local, o shopping, a praça de alimentação é bastante grande. Quer dizer, um indivíduo que saiu... Veja bem, eles tentaram pegar o mais próximo para ver o que estava acontecendo. Agora, o que é importante frisar é o seguinte: o Alemão não é inexperiente, não é um mané que qualquer um vai... ele percebeu, eu acredito que já tinha alguém fora que avisou da chegada dos policiais, tanto que ele se levanta antes.

A SRA. LAURA GUIMARÃES FIGUEIREDO NUNES - E aí ele jogou um *chip* em cima da mesa e saiu correndo. O senhor sabe disso.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não, isso aí o investigador, logicamente vai responder à senhora, mas o que acontece é o seguinte, o *chip* tinha gravações. Perguntaram uma vez para mim: "*Por que tinha gravações?*" E eu falei: "*Não, deve ser a garantia de vida dele, porque quem vai gravar sua própria conversa, para que finalidade?*" A gente não sabe, não é verdade?

A SRA. LAURA GUIMARÃES FIGUEIREDO NUNES - Então, só para terminar, para ser bem breve, o senhor dá total credibilidade ao depoimento do Odair.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Pelos detalhes, não é verdade? Se ele desse pouca informação e não tivesse respaldo... Veja bem, senhora, o que deu mais credibilidade foram as viagens que ele fez, o indivíduo viajou barbaridade, viajou muito, inclusive, no mês de junho. No dia 14 de junho, salvo engano, ele veio por um vôo da TAM e acompanhou. Isso aí era um caso muito... isso eu soube depois, inclusive. Logicamente que o inquérito já estava no fórum e já tinha sido remetido até para Brasília. Nós procuramos essa informação depois.

A SRA. LAURA GUIMARÃES FIGUEIREDO NUNES - Entendi.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Na hora da oitiva eu até acreditei, pelos detalhes. Mas depois se confirmou pela informação...

(A campanha é acionada.)



A SRA. LAURA GUIMARÃES FIGUEIREDO NUNES - Tá o.k. Sem mais perguntas, Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Com a palavra o nobre Deputado José Carlos Araújo.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Sr. Presidente, eu vou direto ao assunto. Dr. Mário, eu queria saber se alguma dessas personagens já tinha passagem na Polícia de Osasco.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - O senhor falou que foi filmado, todo o depoimento foi filmado. Esse equipamento é da delegacia?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não, senhor, particular.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Particular.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Exatamente, o trabalho...

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Particular de quem?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Do policial. Da equipe, né?

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Particular da equipe, não, tem que ser de alguém. A equipe não se juntou para comprar o equipamento. Alguém tem o equipamento. A quem pertence o equipamento: ao senhor?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não, a mim, não.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Quem é o policial que é o dono do equipamento.?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Sinceramente, eu não perguntei. Na verdade isso, para mim, não tem muita importância, senhor.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Mas para nós tem. Para nós é muito importante saber isso. Começa que uma delegacia que não tem recursos para comprar um identificador de chamadas, que custa cerca de 400 ou 500 reais, está preocupada em ter dentro da delegacia toda uma parafernália para filmar tudo o que acontece dentro dela. Espera aí, Dr. Mário, por favor! Eu quero saber o seguinte: quais os depoimentos tomados, anteriormente e posteriormente, que também foram filmados? O senhor tem na cabeça algum?



O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não me recordo, mas vários, inclusive casos de repercussão, foram filmados, viu, senhor?

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Nós podemos requisitar, então, esse depoimento e o senhor terá?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Eu acredito que não.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Só tem esse, então?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Exatamente porque esse causou...era um caso *sui generis*, jamais eu ia pegar, apurar no caso, na delegacia, um fato dessa importância.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Então, na verdade, foi filmado apenas esse.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não, vários já foram filmados, a gente guarda, exatamente, mas não com essa intensidade.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Então nós vamos requisitar, pelo menos 2 fitas, uma antes e uma depois lá da delegacia, de algum depoimento que tenha sido dado lá que tenha sido filmado.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Deputado, se me...

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Pois não.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Pedir ao nosso delegado que nos envie a relação de todos os presos que foram filmados.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Isso.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - De todos os presos filmados...

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Dos presos. Das pessoas que foram presas e quais as que foram filmadas. Eu quero saber quais os que foram presos e ...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - E desses, os que foram filmados.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - ...desses, os que foram filmados, antes e depois do Odair, com as datas.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Tem filme da prisão e depois tem um filme de uma acareação, de um depoimento. Vamos pedir à Secretaria da Comissão, Sr. Presidente, com a vênua de V.Exa., a relação dos presos filmados.



O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - E nós queríamos também, nobre Relatora — uma contribuição — conhecer esse equipamento com que foram filmados, perguntar quem é o proprietário.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Nós vamos conversar, nós vamos perguntar aos policiais que vão chegar que vão estar aqui já, já. Já estão aqui nos aguardando.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Pelo que entendi, Dr. Mário, foi largado em cima de uma mesa um *chip*, não é isso,? Um *chip* de um telefone celular.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Acredito que sim.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Queria dizer, o cidadão não quis perder o celular, porque é mais caro, largou o *chip* em cima da mesa. O senhor acha isso comum?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA – Dois celulares foram apreendidos, senhor.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Sim, mas um *chip* solto, fora.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Fora.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - De que Estado era o *chip*? De que operadora e de que Estado?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Eu não procurei, doutor.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Mas o senhor é polícia?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Simplesmente guardamos isso ai... porque quando o inquérito foi para o fórum, senhor, peguei aquele *chip* e guardei.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Sim, mas, se tinha a gravação no *chip*, tinha de botar num celular para se identificar o *chip* para ver a gravação.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não, isso aí foi feito no computador, não é, senhor?

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Como?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - A leitura foi feita no computador.



O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Sim, mas se foi feita no computador, imediatamente é identificada qual é a operadora. Está lá.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Teria de quebrar o sigilo, senhor.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Não, não, não precisa quebrar o sigilo porque o *chip* não tem registradas as ligações.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não, não, não, mas não é ...

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Doutor, espera aí, calma, vamos devagar! No *chip* não tem registradas as ligações. O que tem no *chip* é o que tem em qualquer celular, é a agenda telefônica do cidadão.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não, não

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Isso não está quebrando sigilo nenhum, nós estamos identificando só a agenda. Então, o *chip* é para fazer a gravação. Lógico que quando o senhor bota o *chip* no computador para identificar, o senhor sabe imediatamente qual é a operadora.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não, mas isso aí é memória, é *chip* de memória somente, não é o *chip* da operadora.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Não era o *chip* de celular?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não é aquele *chip* da operadora, senhor.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - É o mesmo. Doutor, é o mesmo.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Eu acredito que não.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Eu acredito que sim. É o mesmo *chip*, até porque o celular não pega 2 *chips*, a não ser quando são 2 linhas separadas. Há alguns telefones celulares que pegam 2 linhas, então tem 2 *chips*. Nesse caso, é um *chip* só, esse *chip* tem memória suficiente para armazenar as ligações, a agenda. Tem 2 *chips*, mas não existe um *chip* só para gravação, Presidente. São *chips* que você pode ter no celular para botar 2 linhas diferentes. Pode ter aqui em Brasília um *chip* com a operadora de Brasília e um *chip* com a operadora de São Paulo. Aí o senhor pode ter; mas esse *chip* no celular, o recurso



grava a conversa algum tempo, desgrava e tal. Mas na hora que bota e identifica, imediatamente se sabe esse *chip* de que operadora é. É isso que eu queria saber. Agora, o senhor não acha estranho também que um cidadão, há apenas 1 mês na Igreja, que chegou na Igreja, tenha ganho a confiança da Igreja, das pessoas, ao ponto de encomendar a morte de alguém, ser ele o encarregado de achar um matador para matar alguém? O senhor não acha isso estranho?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Eu achei. Lógico. Exatamente.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Achou estranho, não é? Muito bem. Esse Alemão já tinha passagem pela delegacia, tinha notícias lá na sua circunscrição policial, desse Alemão, desse cidadão chamado Alemão alguma outra vez?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Só nessa ligação anônima?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Exatamente, porque o policial me contou.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - O senhor não acha também que uma ligação anônima, que diz onde estão as pessoas, com que roupa, com tudo, um pouco estranho?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Na região lá é comum, senhor.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - É comum? O senhor lembra, por acaso, de algum outro caso?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Veja bem, lá nós realizamos aquela reunião do CONSEG com lideranças de bairro, moradores da região. E eu peço às pessoas, quando tiverem alguma denúncia, fazê-la anonimamente, justamente porque as pessoas...

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Isso é normal, todo policial faz, o senhor tem sua rede de informantes, deve ter a rede de informantes, deve ter, a sua delegacia tem os informantes que se chamam X-9 e tal, e eu queria saber se na sua delegacia já tinha notícia do Alemão anteriormente a esse caso.



O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Eu não tinha notícia, não sabia...

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Nem na delegacia ninguém sabia dessa pessoa, Alemão?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Bem, eu não posso responder pelos demais, mas eu não tinha notícia disso aí, não tinha indiciamento dele na delegacia, não foi indiciado por mim, nunca, porque eu já estou em Osasco já há algum tempo, há 16 anos, e não conheço esse indivíduo.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Nem por ouvir dizer que existe um Alemão que é matador, que pode ser contratado aí? Nunca houve isso?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Eu não lembro, senhor; sinceramente, não.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO – Pois é. Aí que eu não entendo. Se era um caso normal, que chegou numa ligação anônima, saiu uma diligência imediatamente, prendeu as pessoas, então, os policiais tiveram o cuidado, nesse caso específico, de ter filmadora, de preparar tudo para essa prisão, já que essa prisão é uma prisão comum, como outra qualquer.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Um momentinho. Inicialmente o indivíduo foi levado para investigação e, como ele começou a falar abertamente sobre o que estava acontecendo, tomaram o cuidado de filmar, porque é um absurdo, não é verdade?

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - É verdade. Agora, o senhor não acha também estranho que um profissional, matador profissional, que já estava há algum tempo, essas coisas todas, o cara que vai contratar, sem nenhuma persuasão maior, possa chegar assim, sentar e, na gíria policial, abrir o bico e cantar tudo sem mais nem menos? Não foi persuadido de forma nenhuma, só na conversa dos policiais ele resolveu abrir o jogo, botar tudo em cima da mesa.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Exatamente. Aí é que está o problema. Por isso eu fiz a opção de instaurar o inquérito para apurar e remeti à apreciação do Judiciário.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Mas eu acho estranho isso.



O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Lógico. Só não achei estranho quando percebemos, pelas informações, que ele viajava muito pela TAM.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Bom, esse cidadão, o que ele fazia lá em Osasco? O que ele fazia, esse Odair? Fazia o quê? O que ele fazia?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não sei.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - A Polícia não sabe?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Eu não sei, porque ele não foi...

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Era empregado? Se trabalhava, não foi feita essa investigação. Porque, na verdade, não pode ser processado... o inquérito foi para o Supremo, para pedir permissão para abrir a investigação contra os Deputados. Mas o Odair, o Alemão, e tal, são pessoas comuns, e que a delegacia do senhor poderia continuar a investigação para saber, e tal. O seu *feeling* de policial não foi aguçado nesse sentido?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - O que eu posso esclarecer para o senhor é o seguinte...

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Pois não.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Esse crime é um crime coletivo, praticado por inúmeras pessoas, que seria o mais comum chamar de bando e quadrilha. Portanto, é um crime difícil de ser apurado, é onde indivíduos agem em várias localidades diferentes. Eu sair de Osasco e ir a cada local, fazer e acompanhar cada investigação em determinada... é difícil. Tanto que o crime de bando é complicado, não é assim. Se eu fizesse a prisão em flagrante de um indivíduo, ou na hipótese que o senhor está sugerindo, e continuasse a investigação, em 10 dias eu teria que encerrar a investigação. Eu remeti o inquérito para o fórum justamente para tentar pedir a temporária para avançar mais no espaço para a investigação, entende? O crime coletivo é difícil de se apurar, não é fácil, entende?

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - De formação de quadrilha, não é, o senhor quer falar?



O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Eu acredito que sim. Porque, veja bem, senhor: Alemão, Odair, Marquinho, Celso, só aí já deu 4. Correto?

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Hum, hum. Mas nenhum conhecido no crime, nenhum com passagem na Polícia, todo mundo... Nada, ninguém tinha nenhuma passagem, todos, até aquela data, eram pessoas da comunidade, que a Polícia não sabia o que é que faziam, se trabalhavam, se estão trabalhando. Ninguém sabe de nada. Agora, eram pessoas comuns, que nunca cometeram crime, porque não tinham passagem na delegacia. O senhor deve ter checado os antecedentes de todos eles, em todas as delegacias de São Paulo, que deve ter. São Paulo é um Estado que está realmente muito na frente nas investigações policiais. O senhor deve ter checado em todas as delegacias se eles tinham passagem, na POLINTER e também em outro Estado. Nada disso foi checado?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Estou satisfeito, Sr. Presidente.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Sr. Presidente, antes de o senhor passar a palavra para outro Deputado. Só para o senhor nos ajudar: é comum uma equipe policial de Osasco, no caso eram 4 policiais, irem a um *shopping* em outro município?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Área contígua.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Shopping Tamboré, que é em outro Município, em Barueri. É comum isso, Sr. Delegado?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - É área contígua. É área contígua.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Mas é comum isso?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - É, sim, senhora.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Por iniciativa de um policial?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Veja bem, somente se sair fora do DEMACRO... porque ali, Osasco, Barueri, pertencem ao DEMACRO.



A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - O *shopping* onde teria acontecido isso, onde esses fatos ocorreram, é em Barueri?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Em Barueri. Então, pertence ao DEMACRO, que falo, Departamento do DEMACRO.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - É comum? Isso é rotina acontecer?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - É rotina.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Existe pelo menos a voz do Alemão, delegado?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Eu acredito que no bendito *chip* aí. No *chip*.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Que vai ser periciado. Certo. Ali estaria a voz do Alemão.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Exato. Eu só não determinei, não recomendei a...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - A perícia?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - A perícia porque, se eu mando para o IC, o IC de Osasco atende à Seccional de Osasco, à Seccional de Carapicuíba. A Seccional de Carapicuíba é onde a cidade de Barueri pertence. A Seccional de Carapicuíba tem 8 cidades, e o IC de Osasco atende a todas essas cidades, atende ainda parte de Taboão e Arujá. Quer dizer, se eu mando para a perícia do IC de Osasco, ia demorar muito.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - O senhor, em outros casos, manda?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Mando, lógico.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Manda para o Instituto de Criminalística...

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - De Osasco.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - ... de Osasco. Nesse caso, o senhor não mandou?



O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não mandei justamente porque o inquérito foi para o Fórum.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - O *chip* com as gravações?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Exatamente. Eu aguardei a requisição da Ministra, que foi solicitada... requisitou, e remeti para cá.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Só mais 2 coisinhas. Há partes do depoimento do Odair que não constam da parte escrita. Por exemplo, em certa hora, alguém pergunta, salvo engano: "*Mas, quanto você ganhou nisso? O que você ganhou?*" Isso não foi incluído no inquérito, na parte do depoimento formal. E está gravado.

E essa coisa também do cartão da TAM. Ele cita, e também não aparece no inquérito transcrito — aquilo que, quando se presta inquérito em delegacia, o delegado dita para o escrivão ou qualquer coisa semelhante. Pelo menos esses fatos aparecem nas filmagens — e são suas filmagens — e não constam do inquérito. Alguma razão, delegado?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não, simplesmente pelo... Inicialmente, a primeira intenção minha era pedir, representei ao juiz no Fórum, na Vara própria, que é a Vara do Júri, para tentar deter o indivíduo, justamente para realizar mais diligências, apurar melhor os fatos. Tanto que ele voltou à delegacia, e eu já fiquei preocupado em ouvi-lo novamente, justamente para não haver a alegação de que estava fazendo coisa fora do normal, porque o inquérito...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Depois daquele dia, ele ainda voltou 2 vezes?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Voltou. Ele voltou justamente para tentar reaver a moto. Eu poderia, logicamente, ouvi-lo novamente, não poderia? Mas só que eu aguardava uma decisão judicial, para ver o que eu poderia fazer, para já fazer com respaldo judicial, que era mais contundente, entendeu? Era uma medida de cautela, era uma preocupação que eu tenho que ter, não é verdade? Afinal de contas, era uma pessoa, uma personalidade da Nação que estava envolvida no inquérito. Então, eu não podia fazer uma apuração (*ininteligível*).



O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Com a palavra o Deputado Dagoberto.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Dr. Marcos, eu queria que o senhor tirasse uma dúvida — aliás, não é nem dúvida. Eu nunca vi um caso como esse narrado agora por V.Exa.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Como?

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Eu quero que o senhor me convença.

Primeiro, o senhor recebe uma ligação anônima.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não fui eu.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Os seus agentes. Quando eu digo o senhor, é a sua delegacia.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Ah, sim!

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Que o senhor é responsável.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Certo.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - O senhor tem uma filmadora, que é do seus agentes, que o senhor não sabe nem de quem é que é...

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Exato.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - O senhor não sabe dizer se teve... O senhor está dizendo que teve uso constante, mas eu quero ver as datas anteriores em que o senhor usou isso — e essas fitas são importantes para nós, não é?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Hum, hum.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Aí, o senhor pega, manda os seus agentes fazerem essa prisão. Vão em 4. As 2 pessoas estão identificadas, estão lá, e o senhor só prende um e deixa o principal suspeito fugir. O principal suspeito deixa um indício, que é uma fita de gravação, para os seus agentes pegarem. E o suspeito foge, e até hoje o senhor não tem a prisão dele. Aí, o senhor prende o Odair. E o Odair, livremente, conta a história para o senhor. Como o senhor mesmo disse, demonstrou até interesse em contar. O senhor pega esse processo e não remete para o dono do processo, para a área dele. O senhor mandou para uma outra área um agente seu e não comunicou a outra delegacia. E o senhor quer que nós aceitemos essa explicação? Eu quero que o senhor me convença que os



senhores também não estão envolvidos nessa trama que eu estou percebendo que está acontecendo. Esse é o depoimento que eu quero que o senhor me dê. Convença-me que o senhor não está no meio disso.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Primeira coisa: assim que houve a detenção — não foi prisão, prisão gera cadeia, e ali ele foi meramente detido —, imediatamente nós comunicamos. Assim que tomamos conhecimento da notícia, foi comunicado à Seccional. Foi comunicado. Não tem essa de dizer que estava fazendo coisa em oculto. Foi comunicado à Seccional.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - O senhor tem essa comunicação?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Sim, senhor. E, pessoalmente, eu recomendei que o investigador encarregado...

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - O senhor pode encaminhá-la para nós também?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Lógico, senhor.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Pois não. Pode continuar, por favor.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Foi comunicado à Seccional, foi dado conhecimento para ele, para o assistente. Na hora que o inquérito foi para o Fórum, foi tirado xerox, e entregue à Seccional, do que eu tinha feito, tudo com conhecimento.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Mas o senhor não acha estranho tudo isso? O senhor acredita que isso é uma trama ou que de fato houve uma tentativa de homicídio?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Eu acredito que tinha alguma coisa.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Alguma coisa o quê?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Um plano em andamento.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - O que lhe convenceu desse plano em andamento?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Justamente o fato de ele ter dado detalhes convincentes — não é verdade? —, que teria recebido dinheiro, havia conversado com o indivíduo...



O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Mas em nenhum momento o senhor suspeitou de que isso poderia ser uma trama?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Mas trama era, não é verdade? Ele estava envolvido numa trama.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - O senhor acreditou de início na palavra dele, de que ele estaria falando a verdade, que teria isso?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Veja bem, senhor...

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Ou isso veio no decorrer do inquérito?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Eu o ouvi, trouxe o indivíduo Celso para acareação e, na hora, os dois até começaram até a se desentender, justamente pelo fato que estavam ali discutindo, e eu impedi a discussão. O Odair se mostrou bastante nervoso, não é?

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - O senhor soube que o Odair depois desmentiu tudo isso?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Soube por comentário, por notícia, sei lá.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - E em que o senhor acha que ele está falando a verdade? No que o senhor ouviu lá ou, agora, na hora que ele desmente?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - A única coisa que eu gostaria de saber é das viagens, porque isso aí...

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Mas da viagem? Eu também viajo pela TAM.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Mas um indivíduo que, segundo o próprio Celso falou, ganhava um salário mínimo, pequeno, pelo que ele fazia?

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Mas ele não falou que era da igreja? O que a viagem da TAM tem com isso? Eu não estou entendendo. Para ser verdade o que ele diz, o senhor está ligando com a viagem da TAM.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Toda vez que ele viajou está registrado.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - E daí?



O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Possivelmente... porque ele falou no depoimento que, quando ele chegava em Belo Horizonte, ele entrou em contato com o Marcos. Esse indivíduo, o Marcos, seria a chave do problema, porque foi o Marcos que definiu quem seria a vítima. Foi o Marcos quem definiu, porque o Celso, de início, ele falou o seguinte: *“Oh, tem um amigo que está magoado porque tomou um prejuízo...”*

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Dr. Marcos, há algum outro delegado na sua delegacia?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - É só o senhor?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Só.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Uma pena. Acho que vou ficar por aqui.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Por favor, delegado, se o senhor puder responder. O senhor autorizou essa operação ou era uma operação de rotina?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - De rotina.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Sei, mas o senhor disse: “vai lá”? O senhor montou uma equipe e disse: “vão ao *shopping*”, ou não? Ou o senhor soube depois?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Veja bem, eles falam: *“Doutor, nós vamos fazer uma diligência até Tamburé”*. Eu falei: “Podem ir”.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - O senhor não conhecia detalhes, o senhor só conheceu os detalhes na volta?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Na volta, exatamente. Na volta, que houve...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Portanto, o senhor não autorizou. O senhor disse que era uma rotina do procedimento dos policiais?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Veja bem, se a senhora falar assim: “Olha, tem um caso aqui que eu estou apurando o inquérito”, para ele sair, eles vão com ordem de serviço, não é? Eu expeço...



A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - E eles foram com ordem de serviço?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não, nesse caso, não tinha inquérito nenhum, não é?, porque o inquérito da morte na nossa área estava no setor especializado.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Dr. Marcos, mais uma coisa: o senhor é um policial...

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Certo.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Pelo que o senhor disse aqui o fato importante são as viagens. É isso mesmo? Porque o senhor trabalha com indícios, apura, eu não sou policial, mas o senhor é, essa é a sua vida: apurar, tentar — e nós estamos tentando aqui. Qual é o grande fato importante disso tudo, são as viagens?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - As viagens, e o fato também que há um desencontro de informação, porque o Odair, ele falou que participou de uma entidade em Taboão, que ele foi viciado; depois ele montou uma entidade lá para recuperar pessoas que fossem viciadas também, e que o Celso tinha conhecimento disso. Chegou lá, o Celso negou, disse que não sabia de nada, só que, posteriormente, tomamos conhecimento de que o Celso faz parte dessa entidade. Isso também... Logicamente que eu não pedi informações a respeito disso, até porque o inquérito saiu da nossa mão, não é?, mas o Celso, salvo engano, faz parte dessa entidade, apesar de ele ter falado que não conhecia, não sabia de nada.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Isso seria um indício para o senhor investigar? As viagens.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - As viagens. Esse fato da entidade...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Nós estamos tratando de homicídio.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Exato. Veja bem: o indivíduo nega um fato e cai em contradição em outro?



O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Só para concluir o meu questionamento.

Eu solicitaria ao Presidente — porque aqui, doutor, nós temos de saber se de fato há a motivação para esse crime que o senhor está apurando ou se de fato isso tudo foi uma armação, que é o que nós temos de apurar.

Pois bem. Eu quero solicitar ao Presidente, se possível — como eu estou no meu primeiro ano nesta Casa, ainda não sei —, a convocação da Corregedoria de São Paulo, para podermos investigar a veracidade disso tudo que foi narrado aqui e que certamente vai ser narrado pelos agentes.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - É um requerimento que V.Exa. está fazendo. Nós podemos convidar, não convocar.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Certo, mas pedir uma investigação?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Podemos e vamos fazer, por solicitação de V.Exa.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Acho muito importante isso.

Obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Com a palavra o nobre Deputado José Eduardo Cardoso.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sras. Deputadas, primeiro, quero agradecer a presença do Dr. Delegado nesta Comissão para prestar a colaboração que é necessária para ilustração dos fatos.

Se V.Sa. me permite, eu gostaria de reconstituir um pouquinho o *iter* das coisas, até para que nós possamos formar uma convicção a respeito.

Tudo começou com o telefonema anônimo, de acordo?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Exatamente.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Quem foi que recebeu esse telefonema?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - O Regis.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - O Sr. Regis. Exatamente o que foi dito no telefonema, se o senhor puder ser o mais preciso possível dentro daquilo que o Sr. Regis lhe informou?



O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Veja bem, o que ele passou para o relatório da investigação...

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Sim.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - ... que foi realizada a diligência, o que foi dito a respeito do Alemão é que seria encontrado naquele local, no Tamboré.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Exatamente, o que foi falado no telefonema anônimo?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Bom, isso...não tenho a preocupação de registrar o que a pessoa diz, porque já é anônimo para evitar a identificação.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Qual foi a informação que o Regis lhe passou? Um telefonema anônimo que disse que...

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Que o indivíduo alemão se encontraria no Tamboré, bairro contíguo ali de Osasco.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Deu as especificações dele do ponto de vista físico?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - É, o tipo, a roupa usada, azul, etc.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Só falou do alemão, não citou outro nome?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não, só falou do Alemão.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Ele disse que estaria lá no *shopping*, na praça de alimentação.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Hã, hã.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - É freqüente esse tipo de ligações lá na delegacia?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - É, justamente.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Freqüente. Qual a freqüência?



O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Alguns meses atrás, nós esclarecemos um caso de seqüestro, resgatamos uma vítima de um cativo, que estava na área, através de um telefonema anônimo.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Sem dúvida, mas são freqüentes as ligações anônimas à delegacia?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Algumas com realidade, com força justamente de prisão, algumas são até trotes.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Trote, brincadeira.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Brincadeira, a gente vai no local e verifica que não é nada, é só vizinho e desavença.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - E toda vez que o senhor recebe uma ligação anônima o senhor manda 4 policiais fazerem essa atividade que foi denunciada, mesmo não havendo identificação da pessoa que fez a denúncia?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Dependendo da situação até mais. No caso do seqüestro foram — a gente estava trabalhando num caso de seqüestro —, várias viaturas.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Mas o senhor nunca deixa de mandar nenhuma diligência para nenhum telefonema anônimo?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Quando a gente... veja bem, Há casos que a gente percebe que é sempre a mesma pessoa que liga e fala assim: “Ó, tem uma pessoa com um determinada...” sempre reclama de um determinado bairro em tal lugar... Isso acontece.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Mas quando é um caso novo que aparece dessa maneira, o senhor nunca deixa de atender?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Exatamente.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Então, se eu ligar agora para a sua delegacia e fizer uma denúncia anônima, eu posso ter certeza... Se eu disser por exemplo, o seguinte: “Lá no centro de Osasco, lá na Cidade de Deus, lá de Osasco, tem um indivíduo assim, com calça *jeans* etc., etc., etc., que cometeu um crime”, irão sair neste momento policiais para ir lá apurar isso?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Exato.



O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Se eu fizer isso agora?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não, agora... logicamente que agora não, mas....

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Por que não?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Justamente quando... eu estou ausente na delegacia...

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Mas o senhor não foi comunicado da diligência. O senhor não precisaria ser comunicado da diligência?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Se o policial encarregado... O investigador encarregado, ele tem a obrigação de investigar crime. Veja bem, todo boletim de ocorrência eu passo para ele.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Então, se eu fizer isso agora, ele sai para apurar?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Vão checar, lógico.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Com certeza.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Isso, absoluta.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Então, se houver neste momento uma ligação dizendo que há um criminoso em tal situação lá de Osasco sairá uma equipe? O senhor está seguro disso?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Sim, senhor, tanto que nós recebemos constantemente a determinação de que se cumpra esse detalhe.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - E há algum registro dessas ligações anônimas, não?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Só quando há resultado positivo, não é verdade? Quando não há, a gente nem...

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - O senhor não acha que isso favorece imensamente eventuais manipulações de investigação? Por exemplo, vamos imaginar... Em todos os lugares, existe gente do bem e gente do mal. Aqui no Parlamento tem gente do bem e tem gente do mal, na magistratura tem gente do bem e gente do mal, e na polícia também. O senhor não acha que isso poderia



implicar certas diligências fictícias armadas por policiais, às vezes para extorquir alguém, às vezes para fazer armações?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - É possível.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - O senhor nunca se preocupou como delegado em tentar controlar essa situação, de saber exatamente que diligências seus homens estão fazendo e por quê?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Veja bem: em toda diligência feita, é aberto o talão. Eles abrem talão de viatura... É registrado.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Toda ocorrência, mas não toda denúncia?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Veja bem: não há um registro de denúncias anônimas que a gente recebe pela Seccional. Porque a Seccional, às vezes, passa as denúncias por *fax* ou por mensagem, e elas são registradas normalmente e distribuídas para as equipes.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - É muito comum autoridades policiais dizerem que há ligações anônimas, quando, na verdade, recebem informações dos chamados gansos, de pessoas que efetivamente estão colaborando com a autoridade policial em alguma investigação. E, para que não se exponha um processo de investigação ou não se exponha seus informantes, as autoridades policiais costumam dizer que houve ligações anônimas. Nesse caso, eu lhe pergunto: realmente, foi uma ligação anônima ou há alguma informação que o senhor, legitimamente, não quer revelar para não expor as suas fontes?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Eu acredito no funcionário. Ele disse que é de ligação anônima, então, tem de ser, não é verdade?

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - O senhor nunca checka isso? O senhor confia integralmente na sua equipe?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Veja bem: eles estão trabalhando comigo, apresentaram o serviço. Eu não poderia devolvê-los para fora com o negócio.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Mas não seria normal que eles informassem ao senhor da diligência antes de saírem para a diligência?



O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - O Geraldo comunica: “*Doutor, nós vamos em tal lugar.*” Ele é que é o encarregado. É ele que me comunica.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Esse caso foi comunicado?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Foi comunicado.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Ele comunicou o que ao senhor?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Que iria até a cidade de Barueri para realizar uma diligência.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Ele falou qual era?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Justamente, no Tamboré, para procurar um indivíduo lá.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Que ele não sabia qual era, nem o crime que havia cometido?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não, tinha um crime de homicídio na área. Inclusive, há vários casos de homicídio que foram para a Delegacia de Homicídios, mas a nossa delegacia continua investigando.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Então, imagine o senhor: eu ligo para lá agora e falo: “Há um cidadão que matou uma tal pessoa que o inquérito está aqui”. O senhor vai checar. O senhor checa essa pessoa, e essa pessoa não tem nada a ver com aquele episódio. No entanto, certos materiais são descobertos, o senhor pega e, obviamente, descobre uma outra prática criminosa que efetivamente não tem a ver com aquela. O senhor afasta de antemão a possibilidade de ter havido uma armação nesse caso? Veja, eu posso armar. Eu quero envolver uma pessoa, então, forjo uma ligação entre duas outras, uma que ninguém sabe qual é — a pessoa que está armando vai revelar o fato —, ligo para a delegacia informando que haveria alguém que excepcionalmente estaria lá no local relacionado a um crime, e obviamente não há nenhuma relação, o senhor me prende, eu estou com todo o material na mão, e confesso uma situação que efetivamente nunca existiu envolvendo outras pessoas. E eu confesso com o intuito



de chantagear, com o intuito de pegar dinheiro, com o intuito seja lá qual for. O senhor afastou totalmente essa hipótese de ser uma armação do Sr. Odair?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Mas eu instaurei o inquérito e imediatamente submeti à apreciação do Judiciário.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Mas o senhor afastou essa hipótese na sua investigação? O senhor, quando investiga, tem uma lógica investigativa. A sua lógica foi de que realmente havia uma possibilidade de crime, pelo que o senhor descreveu, por força das viagens da TAM. Por que o senhor afastou a hipótese de que não seria uma armação neste caso, inclusive com seu pessoal envolvido?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Veja bem: eu instaurei o inquérito porque no inquérito é registrado tudo. Foi feita a oitiva do Odair, foi trazido o Celso e inquirido, foi feita uma acareação e imediatamente encaminhei o inquérito ao Fórum.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - O senhor tomou alguma providência de avisar a autoridades outras aqui do Parlamento, uma vez que uma das vítimas seria um Parlamentar, de que esse delito havia ocorrido?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - O investigador encarregado ligou para o Deputado.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - O senhor não achou prudente comunicar a Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo sobre esse caso? Não seria correto que o Secretário de Segurança Pública fosse imediatamente avisado dessa ocorrência, uma vez que um Deputado Federal estaria em tese sendo vítima de um crime?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Eu comuniquei ao Seccional. É a hierarquia.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - E o Seccional comunicou ao Secretário?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Comunicou ao Diretor do DEMACRO, eu acredito.



O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Não seria natural que a Secretaria de Segurança Pública tivesse feito o contato com o Parlamentar e não um funcionário da sua delegacia?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não, ele ligou para saber se realmente estava acontecendo, tanto que não foi atendido.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Ligou para saber se estava acontecendo o quê?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Algo entre ele e o outro Deputado. O que aconteceu foi o seguinte: no atendimento o telefone não foi atendido. Foi ligado, um delegado federal ligou para o Júnior, depois para o Geraldo, comunicando que um assessor do Deputado teria sido vítima de roubo também.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Agora eu não entendi nada, perdão. Não teve uma ligação de um funcionário seu para o Deputado Carlos Willian?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Foi, exatamente.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Por que ele ligou?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Para comunicar o fato.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Por quê? Para quê?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Para saber do que estava acontecendo, comunicar que tinha um inquérito instaurado, que estava sendo apurado um fato. Imediatamente...

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Qual o objetivo? Foi a seu mando que ligou esse funcionário seu?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Exatamente, tanto que eu pedi várias vezes para ligarem para comunicar o fato.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Quem é esse funcionário?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - O Geraldo. Ele ligou...

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Por que o senhor não ligou para o Deputado? Não seria natural que o delegado... Veja, estou achando um pouco... Há uma autoridade da República, da Nação — esta foi a expressão que o senhor utilizou —, envolvida. O senhor pede para um funcionário seu ligar para o



Deputado Carlos Willian, quando o senhor mesmo poderia ter avisado o Secretário de Segurança Pública ou ter feito a ligação? Por que o senhor mesmo não fez a ligação para o Deputado, se era só para informá-lo?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Veja bem, o Secretário de Segurança... Já expliquei para o senhor. Eu comuniquei ao Seccional. O Seccional... A gente obedece a uma hierarquia. Agora, no caso do Deputado, obviamente, eu não acreditava que o investigador fosse conversar pessoalmente com o Deputado, porque, normalmente, quando liga no escritório, liga... atende o secretário.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - O objetivo da ligação foi informar ao Deputado que tinha acontecido o fato?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - A instauração do inquérito policial.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Por quê? Para quê?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Justamente para ele ter conhecimento de que estava tendo uma apuração envolvendo o nome dele.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Por que o senhor, então, não ligou diretamente para o Deputado e pediu para o investigador ligar? Não seria natural que o Deputado tivesse tido um contato formal daquele que preside o inquérito?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Eu não acredito.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Desculpe, Deputado. E por que não para o outro Deputado também, que tinha seu nome citado? Odair citou várias vezes, citava o nome. Dizia: "*Deputado...*" Por que não ligar para o único nome que tinha aparecido?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Ele ligou para o Carlos, ligou um delegado federal no celular do Júnior, ele falou assim: "*Olha, está acontecendo o seguinte... Vocês ligaram para um Deputado?*" "*É, foi ligado.*" "*O problema é o seguinte: esse Deputado, um assessor dele foi assaltado aqui em Belo Horizonte.*"

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - A que horas apareceu esse delegado federal? Eu não estou entendendo.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Eu não entendi também.



O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Após a instauração do inquérito, foi tentado comunicar ao Deputado Carlos. Um delegado federal ligou para a delegacia.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Como é que esse delegado federal apareceu?

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Tudo coincidência? Um outro delegado federal liga na mesma...

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Justamente, ele ligou, ligaram de volta. Um delegado federal ligou de volta.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Quem é esse delegado federal?

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Quem ligou para esse delegado federal, dizendo isso?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - O delegado federal estava apurando um caso em Minas.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - É um outro caso?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Um outro caso em Minas, de um assessor que teria sido roubado em Minas, não sei.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Cujos cartões foram encontrados junto com o Odair também?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Em Minas houve um crime contra um assessor...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - ... envolvendo um assessor do Deputado Carlos Willian?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Exatamente.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Certo.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Qual é o nome desse delegado federal?

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - O que isso tem a ver com o fato de cá?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Veja bem, quando foi ligado para Minas, a Polícia Federal lá rastreou a ligação e ligou de volta para saber o que estava acontecendo.



O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Olha, eu...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Foi ligado para Minas ou foi ligado para Brasília?

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Tinha uma autorização...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Só um minuto, perdão, meu Deputado.

O seu inspetor ligou para Minas ou ligou para o gabinete de Brasília?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Acredito que ligou para o Deputado Carlos.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Não, mas é diferente.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Para onde ele ligou?

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - As informações formais que temos são em Brasília. Quem não conhece a Deputada Solange Amaral vai procurar no gabinete de Brasília, especialmente sendo de outro Estado. Ligou para o gabinete ou ligou pessoalmente para o Deputado em Minas Gerais? O senhor sabe dizer?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não sei. O Geraldo vai informar à senhora, eu tenho certeza disso. Agora, que o delegado federal ligou para ele, para...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - E aí o que retornou não foi o Deputado Carlos Willian, foi um delegado federal?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Exatamente, dizendo que um assessor daquele Deputado teria sido vítima de roubo.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Outra coisa?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Exatamente. Foi logo naqueles dias subseqüentes. Teve um roubo contra um assessor.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Isso não foi narrado aqui, esse fato desse retorno.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Mas teve. Isso foi amplamente...



A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Não, houve esse assalto, eu sei disso, mas não foi falado aqui. Foi tudo junto, que quem retornou... quer dizer, o policial civil liga para o Deputado e quem retorna é um delegado federal?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Salvo engano, foi sim, senhora.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Falando de um outro fato que nós conhecemos.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Exato.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Permita-me. Às vezes tenho muita dificuldade de entender certas situações, porque não sou advogado criminalista, então eu tenho muita dificuldade de entender essas operações policiais. Mas permita-me até me valer da minha...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Deputado José Eduardo, perdão.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Pois não.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Qual delegado federal?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - O nome dele eu não sei, não tive curiosidade de anotar nada.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - O senhor não sabe.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Eu tenho, como eu dizia, alguma dificuldade de entender. Eu preciso das coisas, até para compreender, bastante minuciosas. Foi o senhor que pediu para o Sr. Geraldo ligar para o Deputado Carlos Willian, ou que mandou?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Veja bem, a investigação... O inquérito já tinha sido instaurado. Eu falei: *"Pessoal, vocês precisam ligar para a vítima, comunicar a assessoria dele do fato que está sendo apurado aqui"*.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Então, o objetivo... O senhor determinou que fosse ligado ao Deputado Carlos Willian? Aí o Sr. Geraldo fez a ligação.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Exato.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Ele falou com o Deputado Carlos Willian?



O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não tenho certeza, mas acredito que não. Não foi atendido, senhor.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Não foi atendido?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - No primeiro telefonema, não.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - E teve um segundo telefonema?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Acredito que sim.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Por quê?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Justamente para saber o que estava acontecendo.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Mas saber... Veja, eu imagino que dificilmente uma pessoa que é vítima saberia o que estava acontecendo, claro. Era uma tentativa de tomar um depoimento via telefone do Deputado Carlos Willian?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Dar conhecimento dos fatos que estavam acontecendo.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Sim, essa foi a primeira ligação. Aí o senhor, na primeira ligação, disse que não houve... não conseguiu falar com o Deputado Carlos Willian.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Foi dito, aqui, que 2 ou 3 dias o Deputado Carlos Willian falou que recebeu recados.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Eu queria precisar com bastante cuidado, para que ele pudesse nos retratar. Houve uma primeira ligação. Aí não conseguiu falar com o Deputado Carlos Willian na primeira ligação. Quando foi feita a segunda ligação?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - O Sr. Geraldo vai informar ao senhor. Eu não...

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Não, quando foi feita? Quanto tempo após a primeira ligação?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Ah, isso foi subsequente, determinado tempo. Ele ficou incumbido de ligar.



O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Então, ele ligou uma primeira vez e não conseguiu falar; aí ligou uma segunda vez e falou?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Eu acredito que sim, tanto que conversaram, ele explicou o que estava acontecendo na delegacia.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Quando foi que ligou o Deputado Federal? Foi entre a primeira e a segunda ligação? Foi depois?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Eu não conversei com o Deputado.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Não, não. Quando foi feita a ligação... O delegado federal, imagino, ligou para o senhor.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não, para o Sr. Geraldo.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Mas, veja, eu não consigo entender. Eu sei que na Polícia se respeita imensamente a hierarquia. Eu não consigo entender o delegado federal ligar para o Sr. Geraldo. Por quê?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - O Sr. Geraldo é que ligou para ele.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Ah, então foi o Deputado Carlos Willian que falou com o delegado federal?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Eu acredito que estavam lá apurando o caso em Minas. Não tinha uma apuração em Minas?

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Mas a ligação não foi para o Deputado Carlos Willian em Brasília?

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Ele não soube dizer.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - O senhor não sabe dizer se foi em Brasília ou se foi em Minas?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Eu acredito que seja em Minas, mas não posso afirmar.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Como é que a sua delegacia teria o telefone do escritório político do Deputado Carlos Willian em Minas?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - No *site* puxado pela Internet.



O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - E por que não ligaram para o gabinete?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Veja bem, senhor, eu, sinceramente, determinei que ligasse. Não importa onde haja a ligação. A comunicação é informal.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Por que o senhor não fez a ligação pessoalmente? Era uma autoridade se reportando a outra autoridade. Por que o senhor pede a um subalterno seu fazer uma ligação para um Deputado Federal? Eu já recebi ligação de delegados relativamente a situações que eu estava investigando, mas sempre foi um delegado. Eu nunca recebi uma ligação de um investigador para me comunicar de nada. Por que o senhor não se reportou, o senhor mesmo, como presidente do inquérito, ao Deputado Carlos Willian?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Eu determinei. Veja bem, eu trabalho na delegacia dessa forma, é a minha forma de trabalhar. Tem pessoas que fazem cada uma a sua função. Eu pedi para o Geraldo fazer, não sei por que eu teria de fazer. Eu sou titular de uma delegacia que...

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Por que o senhor decidiu também não fazer a mesma ligação para o Deputado Mário, já que eram 2 Deputados envolvidos?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - O inquérito saiu da minha mão, senhor, encaminhei para o fórum...

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Não, não, veja: o senhor ligou para o Deputado Carlos Willian, mas não para o Deputado Mário. Por quê?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Porque, veja bem, quem estava sendo vítima... A gente dá preferência, logicamente, para a vítima.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Então o senhor afastou a hipótese de ser uma armação, já de antemão?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Lógico.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Por quê?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Porque, exatamente, pelas notícias que o Sr. Odair forneceu, detalhes, muitos detalhes.



O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - O senhor conhece o Deputado Carlos Willian?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Eu acredito que seja o senhor que está olhando para mim.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Sim, mas o senhor nunca conversou com ele antes?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Não conversou com ele antes?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Algum de seus homens já tinha tido contato com o Deputado Carlos Willian antes?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Não?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não vejo por que, senhor.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Não, cito um exemplo: eu e o Deputado Carlos Willian participamos da CPMI dos Correios e nós tivemos casos

que envolviam Osasco.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Eu não sabia disso.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Nós tínhamos. Eu cheguei a ter investigações e denúncias com relação à Delegacia de Osasco, no caso que envolvia a franquia dos Correios.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Sinceramente, eu não...

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Então, o senhor nunca teve qualquer relação com o Deputado Carlos Willian?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Deixe-me fazer uma pergunta. O senhor disse que o Deputado Carlos estava aqui. Qual é ele? Eu gostaria que o senhor apontasse.



O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Estou vendo um senhor olhando para mim.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Qual é? Mostre para mim.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Do lado aqui, na minha direção.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Todos estão olhando, todos.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não, mas principalmente ele.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - O senhor já esteve com ele?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - O senhor nunca conversou com ele?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Salvo engano, o rapaz que está do lado dele esteve na delegacia depois para saber do caso.

O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI - Qual é o rapaz?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não sei se é ele, Deputado. Ele é irmão do...

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Foi ele que esteve na delegacia?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Ele esteve agora, posteriormente.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - E era ele que o senhor achava que era o Deputado Carlos Willian?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não, o do lado.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Ah, o do lado. Ele também esteve com o senhor?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não. O cidadão de gravata azul.

(Intervenções fora do microfone. Inaudíveis.)

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Pode nada, não!

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Sr. Presidente, só um último esclarecimento. Foi dito o seguinte: ele mandou o Sr. Geraldo, que é um agente policial...



O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não, investigador encarregado.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - ... o investigador encarregado ligar. E aí se perguntou alguma coisa e o senhor respondeu que a Polícia Federal rastreou a ligação.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Exato.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Então, esse caso estava sendo investigado, então tinha autorização judicial, porque a Polícia Federal só pode rastrear ou só pode grampear, como se fala na gíria, se tiver autorização judicial.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - O caso de Minas.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Sim, mas o caso de Minas é o roubo de um assessor.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Mas, então, o delegado que estava acompanhando esse caso que retornou a ligação.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Sim, mas o caso de Minas é de roubo.

O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI - Sr. Presidente, uma questão de ordem. (*Inaudível.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - É verdade, tem razão.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Não, espere, Deputado, isso é importante.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Deputado, tudo é importante, mas há uma ordem. Termine, por favor.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Se o caso de Minas era o de um roubo de um assessor do Deputado — um caso de roubo normal de um assessor de um Deputado —, não havia por que haver um delegado federal envolvido. Isso é claro para qualquer pessoa. Não havia por que um delegado federal estar envolvido em um caso normal de um roubo de um assessor de um Deputado. Não pode, está fora de cogitação esse tipo de coisa; e, mais ainda, ter sido rastreada uma ligação, porque isso não tem sentido, a não ser com autorização judicial em um caso mais profundo. Era isto o que eu queria deixar claro.



O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Sr. Presidente, eu fui aparteado sucessivamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Agora não vamos ter mais apartes.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Eu não tenho nenhum problema quanto a apartes, eu só quero...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Não, senão nós vamos prolongar muito mais, e temos mais 2 Deputados inscritos.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Eu tenho preocupação só com o meu tempo, porque eu gostaria de concluir, apenas isso. Não há nenhum problema com relação aos apartes da Relatora ou dos demais.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Com a palavra, Deputado José Eduardo Cardozo.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Eu sempre soube que, na Polícia, delegado se comunica diretamente com delegado. Estou errado nisso?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Correto.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Não é estranho um delegado federal se reportar diretamente a um investigador seu para obter informações de uma caso sem que o seu investigador passe para o senhor a ligação? Eu já acho estranho ele falar direto com o investigador, agora acho estranho o seu investigador manter contato com um delegado federal, e o senhor totalmente excluído do processo. Não é atípico isso?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não vejo. É uma apuração. Veja bem, o delegado ligou comunicando que teria um fato em Minas.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Mas, então, teria que ser para o senhor. O senhor preside o inquérito. Eu não vou comunicar um investigador. Na polícia, os senhores são muito ciosos dessa hierarquia, até onde eu conheço. Delegado fala com delegado. Eu acho estranhíssimo um delegado federal... Aliás, não entendi — o senhor, com certeza, conhece mais a lei do que eu — por que a União tem interesse num caso de investigação, porque não há relação federal com assessor de um Deputado. É um crime comum, aparentemente. Já é estranho um



delegado federal estar investigando o caso. Agora, por que o delegado federal não fala com o senhor? Liga para o investigador para dar uma informação de que há um delito lá? O senhor acha isso normal? Está-me espantando a situação de o senhor achar isso normal, sinceramente falando. O senhor acha normal o comportamento desse delegado federal?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Eu vou reprovar uma pessoa que não conheço?

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Eu não estou pedindo que o senhor reprove ninguém. Aliás, não estamos aqui para reprovar nem para passar adiante de ninguém. O que eu estou perguntando é se o comportamento desse delegado federal não é atípico.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - É atípico, mas...

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Estou satisfeito, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Deputado Paulo Piau com a palavra.

O SR. DEPUTADO PAULO PIAU - Sr. Presidente, eu vou economizar o tempo, porque nós temos muito trabalho ainda pela frente. Apenas sugiro à nossa nobre Relatora que requirite da TAM todos os nomes envolvidos e o relato das viagens, possivelmente indicando as poltronas nessas viagens. Acho que isso pode ajudar-nos em alguma coisa.

Com relação ao envolvimento da Polícia de Osasco em outras tramas, parece que isso já foi respondido. A Corregedoria tem vários casos de policiais envolvidos, maus policiais.

Que só queria saber um detalhe. O senhor disse que o Sr. Odair é um cara esperto, um cara meio malandro; e que o Celso, inicialmente, negou envolvimento e, depois, acusou o Odair de débil mental, mas era um cara muito tranqüilo; e que essa relação com o Marcos, o motorista do Deputado Mário de Oliveira, era uma relação... Como o senhor percebeu? Como o senhor avalia essa ligação entre o Odair, o Celso e o Marcos no processo? É só essa pergunta que eu quero fazer.



O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Na oitiva, o Odair disse que Celso recomendou que ele viajasse — ele, Odair, viajasse — a Belo Horizonte para conversar com o Marcos, para justamente fazer a tratativa do que estava sendo resolvido. Agora, o relacionamento dele... Toda vez que o Odair teria vindo para Brasília, ou melhor, para Minas, ele teria ligado para esse Marcos. Esse Marcos é que era o contato entre eles.

O SR. DEPUTADO PAULO PIAU - Essa presença do irmão do Deputado Carlos Willian lá... Houve pelo menos a curiosidade de dizer se era o Deputado Carlos Willian ou não? Porque o senhor apontou para o irmão dele como se fosse o Deputado. Quer dizer...

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não, o do lado. Eu não sei se é, eu não conheço, eu não sei quem é. O irmão é esse rapaz que está aqui de gravata azul.

O SR. DEPUTADO PAULO PIAU - Esteve com o senhor lá?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Foi à delegacia nos visitar.

O SR. DEPUTADO PAULO PIAU - Esteve com o senhor.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Exatamente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIAU - E o senhor não sabia se era o Deputado ou se era outra pessoa?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não, ele se apresentou como sendo um irmão do Carlos Willian.

O SR. DEPUTADO PAULO PIAU - Como sendo o irmão do Carlos Willian?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIAU - Eu digo porque, talvez, a memória não... O senhor não sabia se era o Deputado ou o irmão.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Não, não, (*ininteligível*) do lado dele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIAU - Porque é pouco tempo, é pouco tempo. Eu só queria fechar essa informação porque, se fosse o Deputado presente, era uma imagem que o senhor tinha; o irmão é outra imagem. Agora, o senhor é que não identifica se é o Deputado ou não.



O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Eu identifiquei aqui o irmão. Agora, o indivíduo do lado dele eu não sabia quem era, porque eu não...

O SR. DEPUTADO PAULO PIAU - Estou satisfeito, Sr. Presidente.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Sr. Presidente, antes de passar para outro Deputado...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Dagoberto) - Pois não, Relatora.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - ... quero só dizer que consta aqui, para os Deputados que tenham interesse, que no dia 18 de junho o Deputado Carlos Willian de Souza compareceu à sede da Polícia Federal de Minas Gerais, foi atendido pelo Delegado Dr. Elster Lamoia de Moraes, Delegado Federal de Minas Gerais — não vou ler tudo, para não tomar nosso tempo —, apresentando uma denúncia, uma informação de que um assessor seu, o Sr. Charles Santos Souza, tinha sofrido um assalto: “*Na manhã de hoje...*” O Deputado Carlos Willian tinha recebido um recado do seu assessor Charles, que fora assaltado. Está aqui o termo que foi redigido na Polícia Federal, no dia 18, para quem quiser conhecê-lo. E na prisão do Sr. Odair foram encontrados os cartões do Sr. Charles, parece-me. Consta isso no processo.

O senhor conhecia, delegado, estes fatos: a razão da prisão, o que aconteceu, o que envolveu um delegado federal? O senhor conhecia isso?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Isso foi depois. Foi instaurado o inquérito, foi encaminhado ao fórum. Quando foi comunicado “*procurar comunicar a vítima*” é que tomamos conhecimento de que tinha um outro crime em Minas.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Por favor, Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Dagoberto) - Na seqüência, Deputado Professor Ruy Pauletti.

O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI - Sr. Presidente, Sra. Relatora, antes de mais nada, devo agradecer ao Delegado Marcos por ter aceitado o convite para vir aqui na condição de testemunha.

Nós, na reunião anterior, ouvimos o Deputado Willian e eu estranhei muito a atitude do Deputado, porque ele não se posicionou como testemunha, ele se posicionou como réu. A cada pergunta, ele divagava e fazia uma acusação, na



tentativa de se defender de algo que nós não sabíamos. Ele apenas estava ali como testemunha. Ele poderia dizer sim ou não, como o senhor, que se está conduzindo corretamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Dagoberto) - Deputado Ruy, fale mais próximo do microfone, por favor.

O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI - Mas eu não me preocupo com o fato em si, com o desdobrar, porque não houve cadáver. Essa confusão toda não interessa muito àquilo que nós estamos vendo aqui. Nós estamos vendo se houve falta de ética e de decoro parlamentar de um Deputado, por enquanto, mas a situação está tão confusa — os dados não fecham — que isso nos chama a atenção. Primeiro, o Deputado Willian, que era testemunha, saiu de metralhadora em punho atirando para tudo quanto é lado, e agora nós estamos vendo o fato em si, em que eu não queria entrar. Bastava-me saber se houve falta de decoro ou não.

O senhor acha comum a informação de que o Júnior, e essa foi a palavra que o Carlos Willian usou, dava a impressão de que o Júnior era íntimo dele —, de que o Júnior lhe telefonou, mas ele não estava, não atendeu, e depois ele é que retornou para o Júnior. E o Júnior teria dito que ele estava sendo vítima de uma tentativa de homicídio e que ele se cuidasse — quatro dias depois da prisão! Se cuidar do que, quatro dias depois que já tinham sido presos? Não foi muito, esse aviso não veio muito demorado? Por quê? Porque o senhor — e isso eu gostaria que o senhor confirmasse — pediu prisão preventiva temporária do Odair e do Celso. Por que o senhor não pediu a prisão... Por que o Celso não foi preso, só o Odair? E por que o senhor não pediu a prisão do Alemão também? Por que só o Odair e o Celso, se o matador era o Alemão? Deixe-me só concluir.

Eu acho, dessa história toda, que o Odair deve ser um grande mentiroso e o Alemão é um matador fajuto, porcaria de matador. Ficou semanas tentando e dizendo que não encontrava o cidadão, se sabia onde morava, conhecia os hábitos. O Deputado não tinha segurança. Então, é uma confusão danada.



Agora eu gostaria de saber por que o senhor pediu para prender, decretar a prisão temporária do Odair e do Celso, e não do Alemão e nem do Marquinho e dos outros, se o senhor sabia que estavam todos envolvidos.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Inicialmente, eu quero esclarecer o seguinte: eu pedi a prisão desses 2 justamente para novos esclarecimentos, porque o Celso, quando esteve lá, na acareação... Inicialmente ele negou tudo, mas na acareação... Ele simplesmente mostrou um pouco de nervosismo, não ficou muito tranqüilo, não, mas... Inclusive, ele com o amigo dele, que viajaram juntos, começaram a se desentender, pelo assunto que estava sendo tratado. E, obviamente, isso tinha que ficar melhor esclarecido. Mas, veja bem uma coisa de prudência minha: eles não estavam presos, como o senhor está dizendo, eles estavam... Eu pedi a temporária.

O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI - Não, o senhor pediu para decretar a prisão temporária.

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Exatamente, mas eles não estavam presos. O Celso, como o Odair, eles foram detidos. O Celso foi conduzido à delegacia por mero convite, assim como o outro também. Foi conduzido à delegacia, mas não preso em flagrante, não.

O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI - Algemado?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Em flagrante não. Foi conduzido por quê? Porque o indivíduo está ali, num lugar, numa situação que se suspeitava que havia ocorrência de crime. Ele foi levado à delegacia, mas não foi autuado em flagrante. Eu pedi a prisão desses 2 justamente porque havia necessidade de outras oitivas para melhor esclarecimento dos fatos. Agora, quanto ao Alemão, certamente eu precisava de mais dados de uma pessoa que o Odair conhecia.

O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI - O senhor tem certeza de que esse Alemão existe?

O SR. MARCOS RODRIGUES DE OLIVEIRA - Eu acredito que sim, não é? Pelo menos... Hoje já não sei. Na verdade, o indivíduo pode ter sido morto.



O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI - Eu acho que é uma figura... Loiro, forte, alto, não é? É estranho. Eu acho que esse alemão não existe ou, se existe, é um incompetente, um matador incompetente, se existe.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Dagoberto) - Satisfeito, Deputado?

O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI - Já concluí, porque temos outros Deputados. Nós estamos aqui para agradecer e para esclarecer os dados, apenas para saber se houve ou não quebra de decoro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Dagoberto) - Na seqüência, o Deputado João Magalhães.

O SR. DEPUTADO JOÃO MAGALHÃES - Sr. Presidente, apenas faço um esclarecimento a um questionamento do Deputado José Carlos Araújo, sobre o porquê de a Polícia Federal participar da investigação do caso de um roubo na casa de um assessor. É porque, no dia do assalto, os assaltantes estavam vestidos com o uniforme da Polícia Federal. Esse crime foi elucidado anteontem e a quadrilha foi presa. Há inclusive uma reportagem do jornal *Estado de Minas*: "*Polícia Federal descarta ligação política*". No final, a delegada responsável ainda diz: "*O assalto à casa de Charles Souza foi antes de a Polícia Civil de São Paulo saber da suposta trama para matar o Deputado. O roubo não teve motivação política.*" Quero passar isso à mão dos Relatores, para que faça parte do processo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Dagoberto) - Por favor.

Não havendo mais nenhum questionamento dos Deputados, eu pergunto à Relatora se tem mais alguma pergunta a fazer.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Não, Sr. Presidente. Acho que nós podemos conduzir o próximo policial, que, salvo engano, poderia ser o Sr. Regis ou o Sr. Geraldo... o Sr. Geraldo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Dagoberto) - Eu peço para que seja convocado o policial Geraldo.

Dr. Marcos, se o senhor puder, peço que espere na sala a que será conduzido, para que retorne se for necessário algum esclarecimento. Muito obrigado a V.Sa. pela presença.

(Pausa prolongada.)



O SR. PRESIDENTE (Deputado Dagoberto) - Quero ler o termo de compromisso. Vamos pedir ao Sr. Geraldo que o assine.

“Nos termos do art. 12, inciso I, do Regulamento do Conselho de Ética e Decoro Parlamentar, presto o compromisso de falar somente a verdade sobre o que me for perguntado acerca dos fatos relativos ao Processo nº 005/07, de Representação nº 12/07, instaurado contra o Deputado Mário de Oliveira.

Sala das Sessões, 26 de agosto de 2007.”

Pergunto ao Sr. Geraldo se pode assinar esse termo de compromisso.
(Pausa.)

Com a anuência do Agente Geraldo, eu pergunto aos Srs. Deputados se posso manter a ordem de inscrição já estabelecida nas perguntas anteriormente feitas ao delegado. (Pausa.)

Então, vou passar a palavra à Relatora, Deputada Solange Amaral.

O SR. DEPUTADO ABELARDO CAMARINHA - Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Dagoberto) - Pois não.

O SR. DEPUTADO ABELARDO CAMARINHA – Eu gostaria apenas que o senhor me inscrevesse, na ordem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Dagoberto) - Pois não, Deputado.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Sr. Geraldo, desejo-lhe uma boa tarde e agradecer muito a V.Sa. a presença. Eu gostaria que o senhor, inicialmente... Lembro apenas que a gente tem um tempo reduzido, porque estamos ouvindo muitas pessoas, toda a equipe lá do senhor.

O Presidente, Deputado Ricardo Izar, quer usar a palavra? (Pausa.)

Eu gostaria que o senhor falasse... O senhor trabalha na delegacia há quanto tempo?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Nessa delegacia, há 8 anos.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - É preciso aumentar um pouco o som.



Eu gostaria que o senhor, se puder, falasse um pouquinho desses fatos — o senhor conhece os fatos que nós estamos apurando —, para que possamos, a seguir, realizar algumas perguntas. Seriam 5 minutos iniciais para que o senhor exponha o que entender importante.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Sou Investigador de Polícia. Trabalho no 7º Distrito de Osasco. Nessa delegacia funciona o 7º Distrito e a Delegacia de Anti-Seguestro. Eu também sou o chefe da equipe de investigações de seqüestros em Osasco. Nessa área onde nós trabalhamos lá, nós temos uma parte, que é uma área rural, que fica próxima da Rodovia Anhanguera, etc. E apareceram lá alguns corpos. A gente percebia que essas pessoas eram mortas em outros lugares e eram desovadas nessa área rural onde nós trabalhamos lá. Um dos corpos — estudando, vendo o histórico da vítima —, essa pessoa era de Carapicuíba. Começando a trabalhar, pedindo informações, aí o policial Regis... Eu comando lá 3 equipes de investigadores. Cada equipe tem 3 investigadores, e esta equipe que está comigo é a que estava mexendo nesse fato. Chegou a informação para esse policial: que uma pessoa que poderia ter praticado aquele homicídio se encontraria com uma pessoa no Shopping Tamboré, e essa pessoa já estava ali, naquele momento, tramando a morte de uma outra pessoa, que até aquele momento nós não sabíamos quem era a pessoa que seria a vítima ou quem estaria tramando essa história toda. Então, com o nosso interesse no nosso inquérito policial, para localizar um suposto autor de um homicídio que já existia na nossa delegacia, a gente se deslocou. Foi muito rápido, porque a pessoa ligou, assim, próximo das 10 horas da manhã e o encontro seria próximo das 11 horas, e tal. Pegamos... Eu fui com a equipe, porque é uma área ruim de fazer prisão, porque é uma área de alimentação, muitas pessoas, você não pode sacar arma de fogo, aquela coisa toda. Bom, resultado: localizamos lá o lugar, pelas indicações e orientações da informação. Infelizmente, uma parte da equipe ficou em um das saídas e a outra parte ficou no lugar que eu estava com o policial Regis. O que acontece? Acho que, como nós já estamos há muito tempo naquela região, fomos reconhecidos de alguma forma. E eles fizeram um encontro muito rápido. E o Odair saiu para o nosso lado, e a pessoa que se encontrava com o Odair saiu para o lado



contrário. E eu e o Regis... O Regis percebeu a saída do Odair, ele tentou se esconder, acho que numa tabacaria que tem dentro do *shopping*, e nós acabamos detendo o Odair nesse local. E, aonde eles estavam se encontrando ali, largaram alguns objetos lá, que o Regis fez a apreensão desses objetos. Bom, de praxe, pegamos essa pessoa, conduzimos até o distrito para esclarecer a informação que nós tínhamos. Chegando lá, observando os objetos e as coisas que foram largadas, nós percebemos que se tratava de uma trama para matar uma pessoa. Até aquele momento, nós não sabíamos que era um Deputado Federal. Até o próprio Odair passou a reter informações nesses momentos. E tinha lá fotografias, tinha esse *chip* que acabou sendo apreendido, e outros detalhes. No bolso desse rapaz, do Odair, tinha placas de carro, cartões de pessoas daqui de Brasília. E aí ele, vendo que não tinha muito como se safar, começou a revelar essa trama para nós, não é isso? E a gente foi ouvindo o Odair, e ele disse para nós, naquele momento, que teria sido procurado pelo Celso, que é um homem de confiança do Mário de Oliveira, que esse Celso trabalhava numa gráfica da Igreja Quadrangular, que ficava num bairro lá de São Paulo. Aí nós fizemos esse interrogatório informal do Odair. Já sabendo dos problemas que infelizmente a Polícia sofre hoje, de denúncias, etc., na nossa investigação nós temos por hábito filmar todas as pessoas que são ouvidas lá dentro. Guardamos a filmagem e passamos a ele para o interrogatório formal. Confirmou todos os dados que ele já tinha passado para nós no interrogatório informal. Em seguida, nós fomos para tentar localizar o Celso. Foi por volta das 15 horas. O Celso chegou de Bauru. Ele estava viajando, chegou de Bauru numa caminhonete da Igreja Quadrangular, por volta das 17h30min. Cientificamos o Celso do que estava acontecendo, nos identificamos. O Celso na hora se calou. Eu pedi a ele que ele nos acompanhasse até a delegacia. Ele não pediu o acompanhamento de advogado, ele não cientificou a secretária dele e nem a porteira, ninguém da igreja. Saiu calado, como se, assim... Nós entendemos que ele não queria que ninguém ali soubesse o que estava ocorrendo, não é isso? Na delegacia, ele negou tudo. Aí o Dr. Marcos fez uma acareação entre o Celso e o Odair. Eu não acompanhei essa acareação, mas o Odair reconfirma pela terceira vez todos os



fatos. A gente também toma a termo e o Dr. Marcos entra com a representação. Infelizmente aí nós perdemos o controle em cima do inquérito policial.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Sr. Geraldo, essa alcunha “Alemão” já era conhecida do senhor ou apareceu ali.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Essa alcunha, infelizmente, é uma alcunha muito comum. Na periferia, até a própria — desculpem a expressão — malandragem, eles costumam se tratar por alcunha, já para dificultar a identificação.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Vocês estavam procurando essa pessoa?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - A informação que veio para o Regis, ele vai poder...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Foi um telefonema anônimo?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não, não foi um telefonema anônimo, não.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Não foi?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não, foi uma pessoa conhecida.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Ah! Está bem.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Aí eu deixo por conta do policial que está...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Sim, mas o senhor, por favor, o senhor assinou um termo aqui para declarar o que conhece, está sob juramento.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Sim, ele recebeu o telefonema dessa pessoa.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Uma pessoa conhecida, que ele tem todo o direito de não.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Dele.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Sim, já entendi. E que, então, disse a ele que haveria...

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - ... haveria esse encontro de uma pessoa que era de nosso interesse por outro inquérito policial. Não tinha nada a ver com essa história.



A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Parecia que era o mesmo matador, enfim, alguém que...

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Dizia que essa pessoa estava planejando a morte de uma outra pessoa.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Mais uma?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Mais uma outra pessoa.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - O senhor falou em interrogatório informal. O senhor quer explicar para nós isso?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Vejam só, para que a investigação... Existem 2 tipos de investigação: quando você já tem um fato na delegacia, que gerou um inquérito policial, através de um boletim de ocorrência; ou quando você tem uma simples informação, que você ainda não tem conhecimento de que esse fato se consumou ou não. Esse caso, especificamente, desse interrogatório informal, é para quê? É para nós nos inteiramos melhor do que está acontecendo. Eu não vou levar uma pessoa ao cartório para ser ouvido pelo delegado ou pelo escrivão de polícia, se não tivermos detalhes, para que possam ser feitas perguntas. Então, você faz o interrogatório inicial, que normalmente ocorre no setor de investigação, colhe detalhes e encaminha a pessoa para cartório. Aí você passa as orientações. Infelizmente, é um pouco mais complicado do que a gente deseja que fosse, mas o delegado de polícia, numa delegacia que nem a nossa, ele tem cento e poucos inquéritos policiais; então, muitas coisas ficam realmente a cargo dos funcionários. Nesse caso, como o próprio delegado não tinha conhecimento dos detalhes do fato, a gente colhe os detalhes primeiro e leva: "*Olha, doutor, tem um problema aí embaixo, assim, assim, assado*". E aí ele vai para o interrogatório formal.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - O senhor disse que o senhor é o chefe de 3 equipes de investigação. O Regis é o chefe de uma delas?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - O Regis é o chefe de uma delas.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Ele chegou e disse ao senhor que havia essa denúncia?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - É.



A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - E que precisavam estar, que era importante ir? O senhor entendeu que devia ir?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR – Sim, senhora.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL – E foram 4 policiais?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Quatro policiais.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL – O senhor é que tomou a decisão de...

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Sim, senhora.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Qual é a distância entre a delegacia e esse *shopping*?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - É no município ao lado, o Município de Barueri; aproximadamente...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - É aérea de abrangência da sua delegacia?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não, senhora.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Não é?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não é.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - É área de abrangência de outra delegacia?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - É, mas para que fique bem claro e entendido como é que funciona, nós, policiais de São Paulo, temos algumas normas que nós temos de obedecer, quando nós fazemos uma diligência. Então, eu, como encarregado, quando recebo a notícia de uma equipe, automaticamente eu passo para o meu delegado. O meu delegado, por sua vez, quando é uma coisa complicada, principalmente um fato grave como esse, ele já comunica o superior dele, que é o delegado seccional.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - O senhor entendeu que era urgência e que por isso...

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - É, veja só...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - ... deveria ir, embora não fosse da abrangência da sua delegacia.



O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - O senhor entendeu que devia ir?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - ... o motivo de nós irmos àquele lugar era da abrangência da nossa delegacia, porque já existia o inquérito policial. Aí você não tem área. Por exemplo, o ladrão, ele é de São Bernardo do Campo...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Claro.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - ... e vem roubar em Osasco. Você consegue a informação de que ele mora em São Bernardo, você vai a São Bernardo prender o ladrão. Isso aí não tem circunscrição determinada. O que determina é para onde o inquérito policial vai ser encaminhado. Por exemplo, o processo, o fato ocorreu no Município de Osasco? A Comarca de Osasco é a responsável por apurar o crime. No caso do investigador de polícia, o que a gente tem que obedecer são essas normas internas e comunicar às autoridades que são nossos superiores. Nesse caso, especificamente, todos foram comunicados, todos estavam acompanhando. Quando nós voltamos para a delegacia, que nós nos conscientizamos da gravidade e do envolvimento das pessoas que estavam nessa história aí, até o DEMACRO, que é um departamento da Macro São Paulo, que cuida de 12 milhões de pessoas... São várias delegacias. O Delegado-Geral de São Paulo ficou sabendo porque foi comunicado por ofício. Não foi feito nada assim, a nosso bel-prazer. Só essa diligência. Tem coisas que não dá para você escolher o momento. Você não marca hora para prender ninguém.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - O senhor entendeu que era urgente?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - É, naquela hora...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Por isso não passou para a delegacia da abrangência?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Sim, senhora.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - E qual é o tempo que fica entre a delegacia e...



O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Da nossa delegacia, pelo... A nossa delegacia fica próxima da Rodovia Anhangüera. Você sai, pega o Rodoanel e, em 10 minutos, 12 minutos, você está no lugar.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - E o senhor entrou no *shopping*, o senhor e mais 3, e se conduziram à praça de alimentação?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Nós ficamos 2 pessoas, porque a informação que o Regis recebeu — e ele vai poder detalhar melhor depois — é assim: que a pessoa viria se encontrar. A pessoa que passa a informação dá a descrição e a roupa que essa pessoa está vestindo, e diz que ele vai se encontrar com uma pessoa que está de moto. E nesse *shopping* ele tem um lugar próprio, só naquele lugar você pode colocar motocicleta. Há área para carros e tem uma área reservada para motocicletas. Então, nós nos posicionamos: eu com o Regis do lado onde ficam as motocicletas, porque a pessoa poderia entrar ou sair por ali...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Os senhores foram para pegar a pessoa da motocicleta?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Nós fomos para pegar os 2 na praça de alimentação ao mesmo tempo. A gente não imaginava que seria tão rápido. No circuito interno de televisão — nós fizemos um ofício e pedimos as filmagens do *shopping* —, é aproximadamente 43, 45 segundos o tempo que os 2 ficam juntos dentro do *shopping*. Não dá para você andar o corredor do *shopping* todo para chegar até eles, o tempo que os 2 permanecem juntos no mesmo lugar.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Por favor, vocês se dividiram? Foram 2 para um lado e 2 para o outro?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Isso. Esse *shopping* deve ter umas 5 saídas.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - O senhor e o Sr. Regis foram para o lado de saída de motocicletas?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - De motocicletas. E a Antonieta e o Mauri, que são os outros 2 policiais, ficaram na outra saída, que é a parte que sai mais para... é uma praça de alimentação que fica bem no centro do *shopping*.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - E aí?



O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR – Então, eles ficaram no corredor que sai para...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - O senhor os viu? O senhor viu os 2?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não, eu não vi, tanto que o Regis... Eu fiquei numa posição e o Regis ficou numa outra posição, tentando ter uma visão melhor da praça de alimentação. Quando o Odair sai da praça de alimentação, o Regis vem ao meu encontro e aponta que ele virou em uma entrada de uma loja. O Odair, ele foi detido dentro de uma tabacaria que existe dentro do shopping. Inclusive ele entrou...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - E o outro, o outro que se evadiu? Ninguém viu?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Eu não vi, eu não vi essa pessoa.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Eles viram os senhores antes, mas os senhores não os viram?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Provavelmente.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Eles os viram antes...

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Infelizmente nós somos muito conhecidos.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - ... embora a surpresa fosse daqui?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - É, veja...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - O conhecido efeito surpresa era...

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Infelizmente, nós somos...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - ... do senhor, que ia prender, mas eles os viram antes.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Veja só, deixa eu só...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Num *shopping* grande, com muita gente?



O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Bastante gente, bastante gente. Deixa eu explicar para a senhora qual a nossa dificuldade nesse tipo de coisa. Primeiro, nós somos fixos. Na nossa delegacia, as pessoas que são criminosos do bairro conhecem todos os nossos carros, todas as nossas viaturas, as viaturas frias, etc., etc. Quem permanece o tempo que nós permanecemos nesse lugar, que já está indo para 8 anos, e eu sou policial em Osasco há 19 anos... Eu sou uma pessoa superconhecida na cidade. Nascido e moro em Osasco. Na região toda, como a gente atua na Delegacia Anti-Seqüestro, nós somos conhecidos por todo mundo. Infelizmente hoje você não tem como barrar. A gente vive na imprensa, e algumas coisas desse tipo. Nós acreditamos que o encontro ou propositadamente foi rápido ou alguém que estava acompanhando eles viu alguns dos policiais, percebeu a movimentação e avisou. Eu, no meu entender — e isso é dedução, não sei se pode servir como prova —, o Alemão é uma pessoa que nós não conhecemos ainda, mas bem mais malandro que o Odair. Quando percebeu, já soube sair daquele lugar muito mais fácil. O Odair, talvez por inexperiência, se embocou numa loja e...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - E largaram as coisas na mesa?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Isso quem encontrou foi o policial Regis. As coisas que eles estavam trocando ali, que eram documentos, essas coisas largaram em cima da mesa.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - O senhor viu isso?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Isso eu vi na delegacia depois.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Não, lá na mesa, na mesa do *shopping*.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não, quem arrecadou esse material foi o Regis.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Foi o policial Regis?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - O Regis veio da direção que o Odair vinha. O Odair vinha em minha direção e o Regis já vinha seguindo ele. Eu fui em direção ao Odair. Aí ele entrou na loja e dentro da loja nós conseguimos fazer a prisão.



A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - O Regis viu o Alemão?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não sei, precisa ver com ele. Ele me disse que não viu. Aí eu acho que... Não deve ter visto, porque quem estava do lado que o Alemão saiu foi o Mauri e a Antonieta.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - O Mauri e a Antonieta estavam do lado que...

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - ... que o Alemão possivelmente saiu, porque os 2 saíram, um para cada lado. É bem claro na filmagem do *shopping* que eles se separam naquele lugar.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Depois o senhor disse que o Celso chegou num veículo da Igreja?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Isso.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Assim, claramente? Não estava... Era um veículo identificado como da Igreja.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - A placa do veículo tá em nome da Igreja.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Não, mas é um veículo identificado como da Igreja?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - O Celso não chegou nesse lugar onde foi feita essa abordagem. O Celso...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Depois?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Lá na gráfica da Igreja Quadrangular. Ele vem de Bauru, numa Blazer preta, com as placas, consultadas, placas de Belo Horizonte. E está registrado esse veículo de propriedade da Igreja Quadrangular.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Mas não tem marcação...

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não, não, é um veículo normal.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - ... ostensiva da Igreja?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não, não tem.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Por enquanto, Sr. Presidente, vou entregar para os colegas e para a Dra. Laura.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Deputado José Carlos Araújo, alguma pergunta?

A SRA. LAURA GUIMARÃES FIGUEIREDO NUNES - Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Pois não.

A SRA. LAURA GUIMARÃES FIGUEIREDO NUNES - Eu tenho algumas perguntas. Peço vênia para fazê-las.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Pode fazê-las.

A SRA. LAURA GUIMARÃES FIGUEIREDO NUNES - Primeiro, bom dia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Por favor, pode falar um pouquinho mais alto.

A SRA. LAURA GUIMARÃES FIGUEIREDO NUNES - O.k. O senhor disse que a ligação feita que disse onde estava o Alemão, como estava vestido, não foi uma ligação anônima?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não foi.

A SRA. LAURA GUIMARÃES FIGUEIREDO NUNES - Não foi. O senhor disse também que a área do *shopping* onde vocês foram chamados para ir não é de abrangência da delegacia dos senhores?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não, senhora.

A SRA. LAURA GUIMARÃES FIGUEIREDO NUNES - E não é costume da Polícia comunicar à delegacia que seria o foro competente para ir lá e efetuar essa prisão?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - É costume não, é dever. Só que nós temos uma portaria do Delegado-Geral que diz o seguinte: quando você vai fazer uma diligência, você tem que comunicar antes, durante ou depois da diligência, porque tem momentos que você não tem como escolher. Ou é aquela hora ou não é. Se você deixar passar aquele momento, você perdeu a oportunidade de prender o ladrão.

A SRA. LAURA GUIMARÃES FIGUEIREDO NUNES - Sim, mas a delegacia dos senhores fica a 15 minutos do *shopping*. A outra não é mais próxima? Não seria uma coisa mais célere pegar o telefone e falar: "*Olha, teve uma denúncia assim, assim, assim, no shopping tal, da abrangência de vocês, do foro de vocês. Vão.*"



O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Poderia até fazer, mas para nós, pela distância, a ligação e pelo momento que a pessoa disse... Liga às 10 horas da manhã, vai se encontrar às 11, dá perfeitamente para você chegar e se posicionar. Não tem problema nenhum para nós.

A SRA. LAURA GUIMARÃES FIGUEIREDO NUNES - Ah, então tinha esse lapso de uma hora entre a ligação...

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Tinha, não foi naquele momento, eles não estavam se encontrando ainda.

A SRA. LAURA GUIMARÃES FIGUEIREDO NUNES - Então, a pessoa que ligou disse que ele estaria com tal roupa, em tal *shopping* e a tal hora se encontrando com um rapaz de moto?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Sim, senhora.

A SRA. LAURA GUIMARÃES FIGUEIREDO NUNES - Dessa forma?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Sim, senhora.

A SRA. LAURA GUIMARÃES FIGUEIREDO NUNES - Está certo. O senhor ligou para a segurança do *shopping*, já que tinha esse lapso, para falar: *“Olha, a gente vai fazer uma diligência aí. A gente gostaria que a segurança do shopping ficasse nas saídas para a gente poder pegar o...”*

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não, isso ninguém faz. Nem a gente nem ninguém em São Paulo faz isso.

A SRA. LAURA GUIMARÃES FIGUEIREDO NUNES - Não faz?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não faz.

A SRA. LAURA GUIMARÃES FIGUEIREDO NUNES - Alguém viu o Alemão?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Na filmagem, depois, foi visto.

A SRA. LAURA GUIMARÃES FIGUEIREDO NUNES - Na filmagem, depois, foi visto. O senhor viu a filmagem?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Vi. Aliás, inclusive nós fizemos um ofício para o *shopping*.

A SRA. LAURA GUIMARÃES FIGUEIREDO NUNES – Então, o senhor sabe descrever o Alemão? Se o senhor o vir, você o aponta?



O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Se eu o vir, eu sei. Hoje, eu sei identificar o Alemão.

A SRA. LAURA GUIMARÃES FIGUEIREDO NUNES - E no dia, no *shopping*, alguém o viu?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não sei.

A SRA. LAURA GUIMARÃES FIGUEIREDO NUNES - Porque o senhor disse que 2 se posicionaram num lugar e 2 se posicionaram em outro e que ele saiu na direção do outro, mas...

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Provavelmente não viram, porque, se tivessem visto, ele teria sido preso.

A SRA. LAURA GUIMARÃES FIGUEIREDO NUNES - Mas o senhor falou que...

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Os 2 policiais ficaram do outro lado. A distância que eles viram, se eles conseguiram identificar naquele momento eu não posso afirmar, porque são outras pessoas.

A SRA. LAURA GUIMARÃES FIGUEIREDO NUNES - E o outro agente que estava com o senhor?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Mauri e Antonieta.

A SRA. LAURA GUIMARÃES FIGUEIREDO NUNES - Não, o que estava com o senhor...

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - O Regis.

A SRA. LAURA GUIMARÃES FIGUEIREDO NUNES - O Regis.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não, o Regis saiu no sentido que veio o Odair. Ele que...

A SRA. LAURA GUIMARÃES FIGUEIREDO NUNES - Mas ele, então, viu que era o Odair e viu também que o Odair estava conversando com alguém parecido com o Alemão, porque senão ele não ia saber que era o Odair.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Que obedecia às descrições, exatamente, só que aí ficou: se vier para o nosso lado, quem prende somos nós; se vier para o outro lado, quem prende é o Mauri e a Antonieta. Como se separaram, veio para o nosso lado o Odair e nós prendemos o Odair.



A SRA. LAURA GUIMARÃES FIGUEIREDO NUNES - E eles não conseguiram pegar o Alemão, apesar de ser quem vocês realmente foram procurar.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Exatamente, não conseguiram.

A SRA. LAURA GUIMARÃES FIGUEIREDO NUNES - Está o.k. Sem mais perguntas, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Obrigado.

Deputado José Carlos Araújo, por favor, com a palavra.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Sr. Presidente, Dr. Geraldo, algumas cenas da prisão, após a prisão, foram filmadas, não é isso?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - A câmera é de propriedade de V.Sa.?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não, essa filmagem que foi feita, nós fizemos um ofício e quem identificou essas cenas, essas coisas, foi a própria segurança do *shopping*.

O SR. DEPUTADO - Não, não. Na delegacia foi feita...

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - A câmera é nossa.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Do senhor?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - É nossa, da delegacia.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Da delegacia ou particular?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - A nossa delegacia, para esclarecer o senhor, mais ou menos, ela fica na periferia da periferia de São Paulo.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Sei.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Nós já tivemos 3 incêndios provocados na nossa delegacia. Em razão disso, foi colocado um circuito interno na delegacia, onde nós filmamos as áreas comuns. Tem áreas que são áreas de interrogatório, que a gente não pode... E, na investigação, porque infelizmente — eu não sei onde algum advogado ou outro tira isto —, quando não chega num ponto de defesa, acaba alegando que a pessoa foi torturada, etc., etc. Então, nós filmamos, para preservar a nossa própria defesa no futuro, quando vem esse tipo de alegação. Já justamente para hoje, está-nos servindo. O Odair foi filmado nesse momento, foi



filmado na acareação, para que, se chegasse a esse ponto de nos acusarem de alguma coisa, a gente ter como se defender, não é?

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - E o Dr. Marcos, o Delegado, não tem conhecimento disso?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Que a pessoa é filmada na delegacia?

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Sim, que é filmado, tem a câmera lá, oficial, porque esse circuito é comprado oficialmente. É da delegacia, é patrimônio do Estado.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não, não é patrimônio do Estado, não, senhor.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Não é patrimônio do Estado?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não, senhor. Aquilo lá coisa é que nós colocamos mesmo, porque queimaram viaturas, queimaram carros nossos, queimaram algumas coisas na delegacia. São microcâmeras que gravam no nosso próprio computador.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Entendi, a câmera é do senhor.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Uma só ou mais de uma?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Três câmeras tem a delegacia: uma na entrada, uma no corredor e essa que a gente move dentro da delegacia.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Certo, e isso acoplado ao computador.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - É, depois é transferido para o computador.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - O delegado titular não é bem informado da sua delegacia, não é. Eu estranho, porque ele disse claramente aqui que tinha uma câmera, que tinha uma máquina de filmar...

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - É uma câmera digital Webcam.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Como é?



O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - É uma câmera digital Webcam. Fica dentro de uma bolsa que tem na delegacia.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Sim, fica dentro de uma bolsa, na delegacia.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Uma bolsa. Você move ela, filma aqui, filma em outro ponto, conforme for do seu interesse.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Sim, mas não são 3 câmeras que ficam ligadas ao computador?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Todas são ligadas ao computador...

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Certo.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - ... mas essa é uma câmera que ela se move. Ela tem um... pode ser colocado um transmissor, que ela transmite.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Sim, mas essa é oficial, essa é comprada para a delegacia.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não, senhor, essa é comprada pela gente também.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - É do senhor?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - É minha. Minha não, da equipe nossa.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Da equipe, não é?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Isso.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Então, a equipe se cotizou e comprou?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Sim, senhor. É essa daí.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Entendi.

Agora, deixe-me perguntar uma coisa: entre o telefonema anônimo... Não foi anônimo, não, não é? O telefonema foi de uma pessoa, de um informante.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Para o Regis.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Para o Regis, um informante, o "X-9", como vocês chamam, não é isso?



O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não, é uma pessoa conhecida dele lá.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - É informante, tudo bem. Dez horas da manhã.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Provavelmente. Próximo desse horário.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Próximo de dez. E a prisão se deu às onze.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Próximo das onze também.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Próximo das onze.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Pode ser um pouco mais, um pouco menos.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Quer dizer, há um intervalo de 1 hora no relógio...

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - ... para se programar a diligência, para se arrumar. O senhor falou que o shopping tem 5 saídas.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Por aí, calculo eu. Não parei para contar.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Certo. A sua equipe, o senhor, como um policial zeloso que eu tenho certeza que é, não teve tempo de telefonar e armar uma diligência em comum com a delegacia seccional do município, já que o senhor era de outro município, a delegacia era uma outra delegacia? Não seria muito mais lógico que essa coisa fosse feita em comum, junto, as 2 delegacias, até porque tinha mais recursos humanos para fechar todas as saídas, não é isso mesmo? Coincidentemente — veja como são as coisas —, o senhor escolheu aleatoriamente uma saída, porque havia as motos, e o Regis escolheu a outra saída. Coincidentemente, o cidadão resolveu sair por essa saída em que o senhor estava. Há 5, ele escolheu essa. E o Alemão conseguiu escolher uma outra saída, em que não havia policial nenhum. Se houvesse outros policiais, o Alemão estaria preso, não é verdade?



O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Concordo com o senhor. Se a gente pudesse adivinhar tudo o que vai acontecer numa prisão, todas as prisões dariam certo, não é isso? Eu posso exemplificar para o senhor, não rebatendo essa colocação do senhor: nós cansamos de ver na televisão a Polícia Federal chegar com 2 helicópteros, 200 homens, para prender um rapaz de chinelo numa ilha e não prender ninguém, achar comida quente...

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Foi o senhor que ligou para Belo Horizonte para avisar o Deputado Carlos Willian do ocorrido, desse inquérito?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Na primeira vez que nós telefonamos, nós ligamos para um cartão...

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Nós quem?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Eu liguei primeiro para o Charles, que é um assessor dele.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Para quem?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Charles, que é um assessor do Carlos Willian.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Sim.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Até estranhamos o telefone.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Onde? Em Belo Horizonte ou aqui?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Em Belo Horizonte. Eu até estranhei, porque...

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Tinha o telefone?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Oi?

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Tinha o telefone?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Dentro da delegacia.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Mas como é que o senhor chegou a esse telefone?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Porque no bolso do Odair foi apreendido esse cartão aqui, que ele, segundo o que o Odair nos passou, teria sido fornecido a ele para que ele soubesse os endereços dos escritórios do Carlos



Willian. E eu liguei para esse Charles e até estranhei, porque o Charles até me tratou mal. E nós não sabíamos que, no domingo anterior, o apartamento do Charles tinha sido invadido, ele tinha sido vítima de agressões, de roubo, etc., etc. Me tratou mal, disse que não conhecia o Carlos Willian, disse que não queria saber disso daí. E, em seguida, nós insistimos mais algumas vezes e desistimos. Por quê? Nós estávamos em fase de montar o inquérito para conseguir a prisão temporária, que era nosso objetivo.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Sei. Então, o senhor tinha o cartão desse Charles e ele ficou de informar ao delegado, ele ficou de informar ao Deputado.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não, ele disse que não trabalhava mais com o Deputado, para mim, por telefone, porque ele estranhou: ele achou que esse telefonema, como ele viu o 011, tinha relação com essa agressão que ele teria sofrido.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Entendi. E o delegado da Polícia Federal ligou para o senhor.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Ligou sim, senhor.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - O senhor se lembra do nome desse delegado?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não lembro, não, senhor.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Não se lembra, nem tomou nota?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Não, não tomou nota. O senhor não acha estranho que um delegado da Polícia Federal tivesse ligado para o senhor e não tivesse ligado para o delegado titular da delegacia?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não entendi, senhor.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - O senhor não acha estranho? Primeiro, como é que esse delegado federal entrou no circuito? O senhor estava apurando um problema em São Paulo, e em Belo Horizonte havia um outro



problema comum, um roubo de um assessor, que é tratado geralmente pela Delegacia de Roubos e Furtos estadual, não é verdade?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - É.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - De repente, aparece um delegado federal, que liga diretamente para o senhor, que o senhor não conhece, não sabe o nome. O senhor não acha isso tudo estranho?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não, eu não acho, pelo seguinte, Deputado: na hora que ele telefonou para delegacia, ele estava em companhia do Deputado Carlos Willian. O Carlos Willian, quando o Charles estranhou esse telefonema, foi para Superintendência da Polícia Federal em Belo Horizonte. Conversei com esse delegado e, depois, conversei com o Carlos Willian. Ele falou: *“Eu me assustei e tal. Até queria agradecer que vocês fizeram isso”*.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Ah, então não foi pelo fato do roubo que aconteceu com o assessor, foi porque o Deputado Carlos Willian se assustou com o que estava acontecendo em São Paulo.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - É, ele, a princípio — pelo menos, até o próprio delegado disse —, ele estava interpretando que poderia haver uma relação entre os fatos. Eu falei: *“Nós aqui não podemos afirmar, porque ainda está tudo muito cru”*.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Deixe-me perguntar mais uma coisa: de tudo o que acontece na sua delegacia o seu delegado não é comunicado?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - É comunicado.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Ele é muito desinformado, muito desinformado; ou o senhor não informa ele. É uma coisa que a gente precisa... Não temos nada a ver com isso, mas a Corregedoria de São Paulo deveria averiguar. O senhor não passa as informações do que acontece na delegacia para o seu delegado, ou então tem alguma coisa errada, ou com o senhor ou com o delegado. Não foi isso que o delegado disse aqui, não foi isso que o delegado disse aqui. O depoimento de V.Sa. está em desacordo com o depoimento do delegado. O delegado não tinha informação, primeiro, que a câmara era sua ou da equipe, não tinha conhecimento. Disse que era do senhor, parece. Se eu não me engano, disse



que era do senhor a câmera; que o telefonema era anônimo. O senhor já diz que... Então, o Regis vai ter que nos dizer quem foi a pessoa que deu o telefonema.

O senhor comprou essa câmera há muito tempo?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não tem muito tempo, não.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Não?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não me recordo, mas acho que deve ter 1 mês, 1 mês e... Não, um pouco mais, uns 3 meses, mais ou menos, 2 meses e meio.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Dois meses, não é?

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Um mês não pode, porque a gravação foi dia...

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Foi há uns 2 meses e meio, 3 meses, mais ou menos.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - O senhor comprou bem pertinho do fato? A prisão foi 19 de junho?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - A prisão foi... 19 de junho.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Tem 2 meses, tem 2 meses que a câmera foi comprada.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Quando foi que houve o incêndio na delegacia?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - O circuito interno que protege de incêndio já é muito antigo, já é muito antigo. Essa câmera nós adquirimos agora, é outra... A gente vai comprando as coisas devagarinho.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - São coisas diferentes, são coisas diferentes. Circuito interno é uma coisa, que já está há muito tempo, é isso?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Isso.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - E o senhor comprou a câmera especificamente para coisas desse tipo.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Coisas desse tipo. Tinha outro equipamento dentro da delegacia também, que nós também usávamos para esse tipo de coisa.



A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL – Mas já tem 2 meses a filmagem.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO – Sim. Outras prisões foram filmadas? Outras prisões, feitas anteriormente e posteriormente, foram filmadas?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Algumas sim, algumas que a gente acha que vai ser necessário filmar.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - O senhor se lembra de alguma?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Lembro de algumas.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Pode dar?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Eu me lembro de... Teve a morte de 2 policiais militares, que ocorreu na cidade de Osasco. Nós fomos fazer uma prisão no Município de São Mateus e uma na cidade de Diadema.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Mas foi filmado?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Foi, foi filmado.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Foi filmado lá?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Foi filmado.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Lá ou na delegacia, na volta?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Depois foi filmado também... Foi filmado no momento da prisão e depois foi filmado na delegacia, na volta

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - E por que você não levou a câmara, então, para filmar no *shopping center*?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Esse momento, infelizmente, a gente não acha que é necessário, não é? Porque a idéia era uma prisão simples. Não se imaginou que ia virar essa história toda aqui. Uma prisão... Como nós fazemos prisões corriqueiras todos os dias...

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Eu fiquei satisfeito, mas ficou patente que os depoimentos são conflitantes.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Srs. Deputados, está havendo um processo de votação nominal. Então, nós vamos fazer um rodízio. Eu não gostaria de suspender a sessão. Alguns Deputados já foram votar. Ainda temos



tempo. Quando eles voltarem, outros se encaminharão ao plenário, para não suspendermos a sessão.

Eu daria a palavra, agora...

O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS - Sr. Presidente, pela ordem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Pois não.

O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS - Agradeço a V.Exa., inclusive, a permissão para entrar no plenário. A Dra. Laura, minha colega, já fez a parte da defesa, mas eu cheguei agora e tenho 2 dúvidas que eu gostaria de perguntar ao depoente. Em amparo ao princípio da ampla defesa e do contraditório, se os senhores membros deste Conselho e se V.Exa. me permitirem, gostaria de fazê-lo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Posteriormente.

O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS - Agradeço a V.Exa. Antes da dispensa da testemunha.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Pois não.

Com a palavra o advogado do PTC, que até agora não fez uso da palavra, o Sr. José Júlio dos Reis, para fazer as perguntas.

O SR. JOSÉ JÚLIO DOS REIS - Muito obrigado, Sr. Presidente. Eu vou resumir as 3 perguntas em uma só para ganharmos tempo. Primeiro, pergunto ao Sr. Geraldo Buscariolli quais foram os documentos encontrados com o Sr. Odair e como ele justificou a posse desses documentos. E finalmente, quando ele se referia, nesse depoimento informal que o senhor falou aqui, no começo... Como ele se referia ao Deputado Carlos Willian? Apenas como uma pessoa conhecida, ou demonstrava ter intimidade com ele, um conhecimento mais profundo? Obrigado.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Bom, os documentos que nós encontramos com o Odair foram algumas Carteiras de Habilitação de pessoas ligadas ao Deputado Mário de Oliveira — inclusive a do próprio Deputado Mário de Oliveira. Ele justificava que usava isso, nesses traslados que ele fazia para hospedagem, alimentação, para justificar os gastos, através da verba de gabinete do Deputado Mário de Oliveira. Tinha a do Mário de Oliveira, a do Marcus, que é o motorista, a de um outro assessor dele etc. etc., que ele portava para poder emitir notas fiscais. É o que ele nos justificou. Encontramos também um cartão de



fidelidade da TAM, que era o cartão que ele usava para embarcar etc. etc. Através desse cartão, nós chegamos nos vôos que o Odair fez pelo Brasil, foi para lá e para cá, e alguns vôos que nós identificamos que condizem com alguns documentos que nós encontramos também no bolso dele. Por exemplo: bilhetes com nomes e placas de carro. Nós puxamos a placa desses carros. E a placa desses carros que estavam com o Odair está no mesmo endereço onde o Deputado Mário de Oliveira declara como sendo de sua residência; de pessoas parentes do Mário de Oliveira, também, que estão em nome desses carros. O Odair, indagado a respeito desses carros, diz o seguinte: que esses carros ele ia buscar quando chegava em Belo Horizonte, para que pudesse circular livremente dentro da cidade. Encontramos no bolso do Odair cartões de banco, encontramos algumas coisas. Mas o que mais nos chama a atenção, no caso do Odair, é como ele explica esse cartão de fidelidade e os vôos dele, os momentos em que ele voa. Aí, a gente, pegando o que foi encontrado e o que foi abandonado pelo Alemão com o que nós encontramos, com o que estava no bolso do Odair, a gente faz algumas relações. Por exemplo, foi encontrado esse cartão; através desse cartão, as viagens do Odair. O Odair viaja, no dia 13, de São Paulo para Brasília; e no dia 14, de Brasília para Belo Horizonte. As gravações que foram ouvidas nesse *chip* de memória apreendido lá dizem o seguinte: que ele passa orientações a respeito do percurso, dos hábitos, do carro e das coisas que o Carlos Willian faz de Brasília para Belo Horizonte. A gente percebe o quê? Que alguém identificou o vôo que o Carlos Willian faria no dia 14; no dia 13 embarcaram o Odair para Brasília. E nesse mesmo vôo nós conseguimos saber, através de informações da TAM: embarcou, na parte da frente do avião, o Mário de Oliveira; no meio, o Carlos Willian; e 2 bancos atrás embarcou o Odair. Assim que ele chega em Belo Horizonte, ele retorna para São Paulo no próximo vôo. E ele relata por telefone quais são os hábitos e como ele identificou a chegada do Carlos Willian. O telefonema, acho que é o número 8, que está nas gravações lá. Então, a gente faz algumas relações. Por exemplo, ele fez uma viagem dia 14 de março. Nós achamos um panfleto... que o Carlos Willian participaria de um evento em Belo Horizonte dia 31 de março. A gente percebe nas gravações que o Odair toma alguns cuidados com relação a telefones etc. etc. etc. A gente percebe que ele faz todas essas



viagens, através desse cartão que foi apreendido, para Belo Horizonte, para que ele possa conversar pessoalmente. Ele nos relata, por exemplo, o seguinte: que o Marcos, que é uma das pessoas cuja Carteira de Habilitação está com ele, é a pessoa para quem ele chegava em Belo Horizonte e telefonava de um telefone público, um orelhão; que teria numa avenida chamada Avenida Amazonas; e o motorista do Deputado Mário de Oliveira, que ele trata como Marquinhos — eu não conheço a pessoa —, viria ao encontro dele. Através desses encontros, foi entregue dinheiro; através desses encontros, ele buscava carro; através desses encontros, ele pegava material e informações para que ele pudesse concluir esse plano que eles estavam tramando aí. Com relação ao que ele dizia que conhecia do Carlos Willian, o Odair, ele relatava fatos que pessoas ligadas ao Mário de Oliveira passavam. Nós perguntamos, por curiosidade nossa, depois que a gente começou essa investigação, qual era o motivo do crime. Ele fala: *“Olha, um problema de 800 mil reais. Depois, o Carlos Willian teria humilhado a mãe do Mário de Oliveira. Não se conforma de terem sido companheiros, aí, de política e de igreja durante tanto tempo, e agora está se sentindo traído”*. Essas coisas que, segundo ele, o próprio Mário de Oliveira passava para o Odair.

O SR. JOSÉ JÚLIO DOS REIS - Sr. Presidente, diante das informações esclarecedoras do policial, só para concluir, eu perguntaria se ele, o policial, tem o entendimento de que, se o grupo não fosse... se o plano não fosse abortado, se o Odair não tivesse sido preso, realmente o Deputado Carlos Willian seria assassinado, seria morto.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Infelizmente, essa afirmação... só se tivesse deixado chegar a quinta-feira seguinte. Porque, veja só, ele diz o seguinte para nós, no primeiro momento em que ele é ouvido pela nossa equipe: que ele foi para levar dinheiro para as despesas do Alemão. A gente ouve as gravações, e o Alemão está pedindo a ele dinheiro para que ele faça a viagem para Belo Horizonte. Ele veio de São Paulo para Brasília no dia anterior em que o Carlos Willian viajaria, numa quinta-feira. Segundo o que eles planejam, o Carlos Willian embarcaria no dia 21 de Brasília para Belo Horizonte novamente. E seria... Aí é que ele passa as características: que é uma Zafira, parece de cor bege, uma coisa



assim, em que o Deputado ia embarcar. Diz que normalmente ele desce em Confins. Diz que ele normalmente faz um percurso por uma determinada estrada, que ele explica por telefone qual é. Isso tudo no dia 19, uma terça-feira, quando nós tomamos conhecimento de que eles estariam ali se encontrando... estariam elaborando esse plano aí, que nós não sabíamos até aquele momento qual era. Mas, depois dessas investidas que nós fizemos, que infelizmente nós não pudemos seguir avante, porque... Eu, por mim, se nós tivéssemos conseguido, com o simples telefone do Odair e com o telefone do Marquinhos, eu já concluiria o quê? Se ele voa... Eu tenho todos os vôos que o Odair fez de São Paulo para Brasília e de Brasília para Belo Horizonte. Eu tenho todos os vôos em que ele desceu e o horário em que desceu. Se ele diz para mim que ele ia num telefone público e ligava para o Marquinhos, através do telefone do Marquinhos... Ele recebeu telefonemas do telefone do Odair ou do telefone público que ele diz? Aí, eu estaria já bem convencido. Infelizmente, nós não pudemos chegar nesse ponto. Conseguimos chegar só nos vôos. Conseguimos chegar nas informações relativas aos cartões, essas coisas, mas as demais providências dependeriam de autorização judicial etc. Com o inquérito vindo aqui para o Supremo, a gente perdeu essa capacidade de aprofundar as investigações.

O SR. JOSÉ JÚLIO DOS REIS - Muito obrigado.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Sr. Presidente, gostaria de fazer mais alguns questionamentos.

Sr. Geraldo, o senhor trouxe aqui que foi uma fonte, uma informação, não foi uma denúncia anônima. Por que, então, o senhor, quando assinou o relatório, o senhor assinou dizendo que eram denúncias anônimas? Por que o senhor concordou com o relatório, dizendo dessa forma?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Essa colocação, eu gostaria até de deixar bem clara, pelo seguinte: nós trabalhamos numa região muito perigosa de São Paulo. Inclusive, todos acompanharam aí.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Claro.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Lá na nossa área, policial que nem eu... somos caçados diariamente para sermos mortos no meio da rua. Quando



you can get a preciousness, that is a person who collaborates, that gives you information, you have to preserve. Nobody is going to give their informants on a platter.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Não, ninguém está pedindo para o senhor informar sua fonte.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Essa pessoa, fatalmente, se nós dissermos aqui: *“Olha, foi fulano de tal”*, ou o Alemão, ou qualquer outra pessoa que saiba quem é essa pessoa, não precisa nem ter alguma ligação com esse fato. *“Ah, esse aí é cagüete da Polícia, então esse daí é um dos que merecem morrer”*. Então, na delegacia onde nós trabalhamos é uma delegacia de periferia, tem crimes graves. A nossa delegacia cuida de seqüestro, cuida de outras coisas e tal. Para a senhora entender a nossa dificuldade, é muito mais difícil conseguir as coisas na Justiça do que na rua. Nós tivemos um latrocínio nesses dias na nossa delegacia e pedimos quebra de sigilo do telefone da vítima, e foi negado. Da vítima do latrocínio, não foi do ladrão, e foi negado o telefone. Então, as nossas dificuldades para trabalhar são grandes. Quando nós queremos preservar uma fonte de informação... E no momento em que se abre uma fonte de informação, perde-se várias.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Então, essa é a razão de sempre dizer que foi denúncia anônima?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Normalmente. Não só a nossa equipe. Se a senhora andar em São Paulo inteira e conversar com os policiais de São Paulo, a senhora vai ver que todos se preocupam em manter a sua fonte de informação. E a informação para a Polícia hoje é o principal patrimônio. Pode ter 10 viaturas, se não tiver informação você não vai saber o que fazer.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Sr. Geraldo, 2 questões. Olhando daqui para trás, claro, o senhor recebe uma informação de que tem um matador — aí não se trata da vida de uma pessoa só —, um criminoso. Imagina como seria preciosa essa prisão, prender uma pessoa que não vai matar só um, já matou não sei quantos e pode estar matando por aí. O senhor não acha que foram pouco cuidadosos? Os senhores não estavam indo atrás de uma pessoa, mas prender um matador, o que poderia diminuir os índices todos de assassinato em Osasco,



naquela região. E dentro de um lugar fechado. Se fosse na rua, mas foi num *shopping*. Como é que escapa e fica o Odair, que, não sei se o senhor conhece, já está refazendo seu depoimento. O senhor sabe disso?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Sei disso. Deixa eu explicar uma coisa para a senhora. O fato de ser na rua, nos meus 19 anos de experiência...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - É melhor?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Para qualquer pessoa. Eu preferia 10 vezes que fosse na rua do que numa praça de alimentação de um *shopping*. Os cuidados que a gente tem que tomar quando vai num lugar público para fazer uma prisão, principalmente nós, policiais... Porque se um vagabundo dá um tiro e machuca qualquer um ali dentro, ele vai responder. Com o policial a coisa complica muito mais. Então, eu preferia 10 vezes que essa prisão, essa informação... que ele estivesse no meio do mato, no meio da rua ou em qualquer outro lugar, menos numa praça de alimentação num *shopping*. Porque os nossos cuidados têm que ser redobrados. Infelizmente... Se você conhece... Eu tenho um acervo fotográfico na minha delegacia de quase todas as pessoas que passaram pela nossa equipe. Isso eu sei que não modifica nada aqui, mas se alguém tiver a curiosidade e estiver em São Paulo e quiser conhecer a nossa delegacia, seria muito bom. Vocês vão ver que lá o trabalho é feito com responsabilidade, com seriedade etc. etc. Não modifica isso aqui. Só que para nós, policiais, tem cana que você consegue e prisão que você não consegue. Cinquenta por cento é de informação, a outra parte é sorte. E a competência da nossa equipe com relação a esse fato e as dificuldades que temos para executar esse tipo de prisão, só quem estava naquele momento sabe. Eu poderia relatar para vocês agora que eu telefono para um policial, mas um mora em Limeira, o outro mora lá na Praia Grande — a minha equipe. A senhora entende? Então, quer dizer, são todas as pessoas que estão longe. As dificuldades para você reunir um grupo é grande. E eu, como encarregado do distrito vou em todas as prisões complicadas, e fui nessa também. Infelizmente, o grupo de policiais que nós reunimos foi pouco. E para encontrar um policial, que eu telefonasse naquela hora, que não tivesse nada a ver com isso, e viesse a se meter numa confusão dessa, com todo respeito... Seria muito bom que fosse como



todos imaginam, que a gente batesse a boca no rádio e aparecesse polícia de todo lado para prender alguém. E não é assim. A pessoa, na hora que sabe que é confusão, não aparece, dá uma desculpa etc. etc.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Sr. Geraldo, esse material da mesa, o senhor acha que pertencia a quem?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Isso é dedução também da gente. Eu não consigo entender...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - O senhor acha que pertencia a quem?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Eu não consigo entender como é que o Carlos Willian, que nunca esteve em Osasco, nem em Carapicuíba, a fotografia dele, esse panfleto de um evento em que esteve em Belo Horizonte... teria ido parar naquele lugar se não fosse através do Alemão ou do Odair.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Sim, mas pertencia a qual dos 2, o senhor acha?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Eu acho que pertencia ao Alemão.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - O senhor acha que pertencia ao Alemão, não pertencia ao Odair?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não pertencia ao Odair. O que estava com o Odair... Pode ser que até uma coisa ainda que estivesse ainda fosse dele, tivesse entregue naquele momento ou estivesse pegando. Mas o que estava com o Odair estava no bolso dele.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - O senhor acredita que essa figura Alemão existe?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - O Alemão está nas filmagens do *shopping*. Existe. O Alemão existe.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Existe o matador?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Veja só. Essa mesma pergunta que a senhora está me fazendo, com todo respeito, ela já foi feita para mim centenas de vezes pela imprensa de Minas Gerais. Depois desse fato, quase pouco



consigo trabalhar, porque todo dia o pessoal me telefona: *“Tem fato novo? E o Alemão? E o Alemão?”* A principal pergunta é sobre o Alemão. Ladrão. O melhor lugar para você se esconder da Polícia é em São Paulo. Não existe melhor lugar. O cara se esconde num sítio, ele se lasca, porque você acha ele fácil. Agora, no Centro de São Paulo, você entrou na Praça da Sé, para você prender alguém é difícil para chuchu. A não ser que você conheça a pessoa. Aí é fácil. Eu, como policial, pelo hábito de fisionomia etc., quando eu tenho que achar alguém, eu acho facilmente, se eu conhecer. Se eu não conhecer, eu dependo de informação. E a informação que nós tínhamos era muito escassa. Não tínhamos uma fotografia, não tínhamos nada. Hoje, nós não temos ainda a figura do Alemão, clara, na nossa frente, porque nós não temos o nome dele. Se tivéssemos o nome, nós teríamos conseguido. Eu, se tivesse conseguido, através do nosso delegado, a prisão do Odair e do Celso naquele dia, automaticamente teríamos identificado o Alemão já. Por quê? Nós teríamos a quebra do sigilo telefônico do Odair. Através do telefone do Odair chegaríamos ao telefone do Alemão. Através do telefone do Alemão, chegaríamos nas pessoas que são de relacionamento dele. Porque ele liga para a mãe, liga para a namorada, liga para o pai. Acredito eu que alguém da Polícia Federal que esteja com esse inquérito hoje deve estar fazendo isso. Se a pessoa tiver realmente a fim de identificar, vai identificar. Agora, uma nova informação a respeito do Alemão. Depois de tudo isso... E ele não é uma pessoa mal instruída. A gente percebe que, pela forma como ele conduz as ligações e armazena aquilo naquele *chip*, não é qualquer vagabundo, não é um pé de *brek* que anda de chinelo na periferia. É um cara instruído. E ele deve estar acompanhando. E ladrão, quando está fugindo, já é difícil pegar; quando está com um problema desse pela frente, que ele sabe que se ele for pego ele vai ter muita dor de cabeça, aí vai estar mais difícil ainda pegar. Ao invés... Eu até argumento que tem uma senhora de Minas Gerais que me liga, que é uma repórter, e eu falo para ela: *“Pô, se você puder falar tudo a respeito desse fato e não falar do Alemão, eu agradeço. Porque cada vez que você falar, ele vai ficar mais 2 a 3 meses desaparecido. Porque cada vez que você relembra a imagem desse maldito ele vai ficar: ‘Pô, estão atrás de mim de novo’”*.



Ele vai se esconder. Para ele é fácil. Rouba, põe 2 mil reais no bolso e vai para a praia, que é do lado de São Paulo.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Sr. Geraldo, vamos lá. Só para a gente tentar. Vou devolver. O senhor foi quem fez contato com o cartão do seu Charles, o telefone do seu Charles. Que até lhe tratou mal e tal.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Isso.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - E depois?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Depois, teve esse telefonema no setor de investigação, que veio..., as pessoas estavam assustadas e foram procurar a Superintendência da Polícia Federal. De lá ligaram para saber quem é que tinha ligado. Aí nós identificamos o que aconteceu.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Aí a Polícia Federal é que retorna?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Retorna para a nossa delegacia.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Certo. O seu Charles não?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - O seu Charles não.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Nem o Deputado Carlos Willian?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - O Deputado Carlos Willian estava na Polícia Federal nesse dia.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Aí o delegado da Polícia Federal é que retorna a ligação para o senhor?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Isso, isso.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Para...?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Aí ele telefona para saber quem que tinha telefonado. Porque ele queria saber se existia alguma relação entre os fatos. Do que aconteceu em Belo Horizonte...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - E é o senhor que fala com ele?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Eu falo com ele; depois a policial Antonieta também fala com essa pessoa...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - O delegado nada?



O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - O delegado? Ele fala comigo coisa muito rápida.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Não, o delegado seu.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não, o nosso delegado estava na... Para a senhora entender a disposição da nossa delegacia: é uma delegacia de 4 andares, onde a investigação fica no subsolo. É uma casa superprecária etc. E o Dr. Marcos fica na parte mais de cima.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Para o outro Deputado acusado vocês não pensaram em ligar?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não, de forma nenhuma. Até para o Carlos Willian, para a senhora perceber, para mais ou menos entender o mecanismo dessa história toda, o que aconteceu nesses 2 dias dentro do distrito. O Fórum de Osasco tem uma portaria, e você só pode entrar com representação para prisão temporária, para prisão preventiva, para busca e apreensão, medidas legais que você tem que tomar, para que você possa fazer algum tipo de incursão policial. Você só pode entrar com esses pedidos, e até as 17h, mais ou menos. Eles até alteram um pouco esses horários etc., etc. O que que acontece? Nesse caso, nós prendemos às 11h da manhã o Odair. Até deslocar para a delegacia, ouvir informalmente, ouvir formalmente. Deslocamos para o Centro de São Paulo, fizemos uma campana das 3h até as 5h30. Localizamos o Celso. Voltamos para a delegacia por volta das 20h, até identificarmos o Celso e nos deslocarmos novamente do Centro de São Paulo até Osasco, que é complicado, através das marginais etc. etc. Iniciamos o interrogatório do Celso, fizemos a acareação. E aí, no dia seguinte, nós fomos juntar as peças, montar esse pedaço do inquérito policial que está aí, que era justamente só para embasar uma possível prisão temporária. Temos outras coisas que estão apreendidas na delegacia: a motocicleta, que o Odair disse que teria comprado com esse dinheiro; telefones, uma série de coisas que estão lá e que não foram juntadas ainda. A nossa idéia era conseguir manter essas pessoas presas para que a gente pudesse aprofundar essa história e também para dar mais subsídios para quem fosse investigar depois, para poder realmente chegar à verdade nesse negócio aí. Então, veja só: o Dr. Marcos está na sala dele



fazendo determinado serviço nessa história, ouvindo alguém. Nós já estamos tomando outras providências etc. Fala-se para ele alguma coisa que, naquele momento, não fica muito registrado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Deputado Dagoberto, por favor.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Geraldo, você sabe que nós estamos apurando um fato, nós estamos investigando se há mesmo uma tentativa de crime ou se é apenas um fato forjado. Você tem conhecimento disso ou não, do que nós estamos apurando aqui?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - A minha experiência e a minha opinião profissional servem para responder ao senhor?

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Lógico.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Veja só: o fato de tentativa de homicídio seria somente se tivesse havido a consumação, um disparo que não atingiu etc., etc. Agora, existem atos preparatórios que ocorreram aí. Ninguém, segundo o que o Odair nos passa, gastaria cento e poucos mil reais — deu 75 para o alemão, deu 40 para o Odair, bancou uma série de despesas —, se não tivesse a intenção realmente de matar. Não é isso? Eu, se estivesse em condições, se esse inquérito policial estivesse lá conosco ainda, a primeira providência que tomaríamos dentro da nossa delegacia seria oficial à TAM para saber quem paga essas despesas de viagem do Odair. Quem pagou essa viagem dele quando ele saiu de São Paulo e foi para Belo Horizonte e depois embarcou no mesmo avião do Carlos Willian? E depois relata os atos do Carlos Willian: que ele desce no aeroporto de Confins, entra numa estrada, o carro que ele embarca, o senhor entendeu? Eu, como policial, eu vivo do quê? Você identifica indícios e, através de indícios, você vai buscar provas. E as provas nós teríamos como? Se tivéssemos conseguido a prisão temporária para aprofundar essas investigações. Eu, investigador, sugeriria para o meu delegado, se ele acatasse o meu pedido, que ele fizesse determinados pedidos, e comprovaríamos, por exemplo, se há realmente... É muito simples: temos as gravações. Você quebra o sigilo telefônico do Odair e vai medir o tempo de gravação que ele conversa com o Alemão. E nós colocamos no nosso relatório o



telefone, já, do Odair. Para quê? Já na intenção de, se sair a prisão temporária, quebrar o sigilo telefônico. Onde estava o Odair no momento em que ele telefonou? Onde estava o Alemão? Hoje, a telefonia celular dá uma ampla condição para você identificar pessoas. Ora, eu não sei onde o Alemão mora, mas eu quebro o sigilo telefônico e percebo que ele recebeu uma determinada ligação; ele acionou uma EB — que é uma antena de repetição. Essa EB, hoje, para determinados telefones aí, principalmente os telefones de telefonia móvel GSM, permite identificar em um raio de 2 quilômetros de onde essa pessoa está falando. Saberíamos de onde e qual a área realmente em que essa pessoa atua. Então, quer dizer: se eu estou convencido de que essa coisa estava em andamento? Estou. Se eles estavam realmente planejando? Estavam. Se iam consumir... aí só se a gente esperasse até a quinta-feira. No meu entender, foi mais valioso nós irmos até aquele lugar e evitar que essa coisa, se fosse acontecer, tivesse acontecido nessa quinta-feira. Mas que houve atos preparatórios... porque ninguém vai sair de São Paulo tantas vezes para Brasília, para Belo Horizonte, vai se hospedar em hotel e vai dizer o nome do Marquinhos e de outras pessoas que levaram dinheiro sem isso estar acontecendo. Alguém pagou essas despesas, o senhor entende?

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Tudo bem. Vamos pensar em outro lado, Sr. Geraldo. Vamos pensar também que tudo isso foi forjado. O que levaria à nossa desconfiança hoje. Primeiro, tínhamos a informação de que o telefonema era anônimo, e agora você está confirmando que não foi anônimo, foi uma pessoa que ligou, se identificou... você sabe quem é essa pessoa?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Deixe eu... é que o senhor chegou depois que eu respondi a pergunta da Presidenta. Posso repetir?

O SR. JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Da Relatora.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Da Relatora.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Da Relatora. Posso repetir?

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Pode. Faça o favor.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Esse fato, da forma que a gente coloca, como eu expliquei aqui é o seguinte: nossa delegacia é periferia da periferia. Lá todos os dias morrem pessoas. Nós trabalhamos com tráfico de entorpecentes,



trabalhamos com seqüestro, todas essas coisas funcionam nessa região. A coisa mais difícil de você conseguir num lugar desses é informante, e o patrimônio da Polícia hoje, o principal, é a informação. Todo policial que tem a sua informação, a primeira coisa que ele faz é preservar essa pessoa. Porque, mesmo sem ele ter nada a ver com esse fato, se você leva ao conhecimento das pessoas de que essa pessoa está passando informação para a Polícia, ele passa a ser uma vítima em potencial de qualquer uma dessas pessoas envolvidas com o crime. Então, todo policial protege seu informante. Essa pessoa é conhecida do policial Régis. Na periferia, até nós policiais, como eu disse aqui, somos caçados diariamente. Todo mundo viu pela televisão o que aconteceu. Nós matamos um leão por dia para sobreviver lá. Quando a gente consegue alguém que colabora com a Polícia... Até dei um exemplo, que tivemos um latrocínio esses dias em nossa delegacia e pedimos quebra de sigilo telefônico da vítima de latrocínio, de quem levara o telefone, e foi negado pela Justiça. Então, o senhor veja só: um informante de rua para nós, hoje, na periferia, está valendo mais do que uma ordem judicial, porque de lá, sim, temos certeza de que a informação está vindo.

O SR. JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Na delegacia tem identificador de chamada?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não, senhor. É proibido pelo Estado que seja colocado identificador de chamada em órgão público.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Tá. Essa filmagem que vocês fizeram, vocês não fizeram no ato da prisão, vocês só fizeram no depoimento?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - É. Isso foi feito na sala da equipe. Sinceramente, com todo o respeito a quem teria orientado essa pessoa aí, mas torturar alguém com uma furadeira seria o fim. Não usamos esse tipo de método.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO- Tá. Mas a minha pergunta é a seguinte: lá no ato vocês não usaram a filmadora, vocês só usaram...

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Na prisão no *shopping*? Não. Inclusive alguns policiais saíram da própria casa, nem passaram pela delegacia.



O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Uma coisa ficou e precisa ser esclarecida, Geraldo, até pela experiência que vocês têm. Primeiro, tudo bem, vocês receberam, têm que sair correndo mesmo, isso é da Polícia. Mas vocês não pediram ajuda da delegacia de Barueri em uma situação tão delicada como essa. Aí vocês vão em 4 policiais. Eram 4 policiais. Vocês prendem 2 e deixam o outro de lado. Quer dizer, deixa não, ele possibilita a fuga dele. E vocês tiveram 1 hora entre a denúncia e o ato de prisão. Quer dizer, nessa 1 hora toda vocês não pedirem ajuda... Por que vocês não pediram ajuda? O que levou vocês a terem a certeza absoluta que vocês dariam conta?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Deixe eu explicar para o senhor. Já foi feita essa pergunta por outra pessoa aqui, e o senhor tinha ido para a votação. Eu vou responder novamente? Todas as prisões nessa região, não só essa prisão, todas as prisões em que vamos, todas são complicadas. Não é essa, especificamente. Qualquer prisão que você for fazer na periferia de São Paulo hoje, qualquer policial que vai, ele vai já sabendo que ele vai estar em situação ruim. Todas as prisões são complicadas, não essa especificamente. Dez, 12 prisões dão certo; 5 ou 6 dão errado. Não é essa aí só que deu errado. Outras prisões também deram errado. Até citei um exemplo aqui, que é muito comum. Todo mundo vê na televisão helicópteros da Polícia Federal, 200 homens chegarem em uma ilha do Rio São Francisco e está lá a fogueira acesa, a comida quente, e não se prende ninguém. No *shopping* é a pior situação que você pode ter para efetivar uma prisão. O fato de pedir ajuda ou não em São Paulo, todas as vezes que você diz o que você vai fazer, de imediato já começam... o policial em São Paulo, todos eles têm *feeling* para definir o que é bom, o que é ruim, o que é complicado e o que não é. E ninguém quer se meter em situação ruim — está certo? Esta situação mesmo, se tivéssemos... você pede apoio, vem 1, vêm 2. Não resolveria o nosso problema. Honestamente, não resolveria. Nessa questão de pedir apoio, não resolveria nosso problema. Poderia pedir apoio para policiais da minha própria delegacia, que estavam em outros lugares. No nosso entender, provavelmente, se daria tempo ou não, não seria essa a questão. Para nós, prender duas pessoas, em 4 lá, é corriqueiro, é normal. Pode parecer estranho para quem não está habituado a esse



tipo de situação. Mas é corriqueiro, é normal. Esses 3 policiais que vão entrar aí, para o senhor ter uma idéia, esses dias nós estávamos investigando uma quadrilha que invadia empresas. Quinze, 20 ladrões entram nas empresas, carregam caminhões e vão embora. Eles, em 3, foram lá e impediram um roubo. Foi no Município de Guarulhos. Conseguiram deter 5 pessoas armadas, em 3, e 7 fugiram pelo fundo. Em Guarulhos, pediram pelo rádio e pelo telefone. Existia um batalhão da Polícia Militar na mesma rua, e não apareceu um policial militar para ajudá-los. Libertaram 20 pessoas que estavam amarradas dentro da empresa e salvaram a firma de ser roubada em 2 milhões e 800 mil reais em equipamentos musicais, dentro dessa firma. Quer dizer, foram para uma diligência achando que seria uma determinada coisa, achando que seria o galpão em que essas pessoas guardavam mercadoria, mas chegaram lá e era uma empresa onde estava um roubo em andamento.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Tudo bem. Tudo bem, Geraldo.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - O senhor entendeu?

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - O que eu preciso entender, que não ficou bem claro para mim, é o fato de vocês terem toda a identificação — e aí importância que tinha essa prisão até para o nosso caso aqui em relação ao tal do Alemão — e o Alemão fugir. Quer dizer, tudo aqui hoje, nós estamos fazendo todas essas perguntas a você, ao seu delegado e às pessoas que estão aqui, em função desse Alemão lá ter fugido. Quer dizer, se ele não tivesse fugido, nós não estaríamos aqui hoje.

A segunda coisa que eu queria lhe perguntar: você não acha estranho um matador profissional como o Alemão fugir e deixar a prova do crime? Normalmente, o que um profissional faz? Não é, primeiro, sumir com a prova e, depois, com ele mesmo. Porque se ele não tiver com a prova, ele não precisa correr.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Ao contrário. Desculpe, mas é o contrário: se ele é pego com a prova do crime em seu poder, aí sim ele estaria mais complicado. Vamos supor que ele fosse preso também...

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Não, mas ele não teria que desaparecer com essa prova, primeiro, para depois ele fugir. E ele largar em cima da mesa...



Você não acha que, para um profissional, é um negócio completamente estranho isso?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - É que são ordens, seqüências de fatos. Se o senhor observar, por exemplo, na filmagem do *shopping* eles se encontram entre 43 e 45 segundos. É um encontro muito rápido. No nosso entender, por dedução — e só vamos saber isso no dia em que pegarmos o Alemão —, no nosso entender, por dedução, acontece o quê? Que essa pessoa, o Alemão, percebeu a nossa chegada. Percebendo... Se eu sou traficante e estou com droga na mão, a primeira coisa que vou fazer é jogar a droga fora. Se eu vou a um bar com uma arma, vou jogar a arma fora...

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Então. Por que ele não jogou ela fora?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Ele foi embora, deixou para trás...

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Então. Mas é normal ele não ter jogado fora? O *chip* sumir, vocês nunca mais acharem, e ele largar em cima da mesa?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Aí é só quando pegarem ele para a gente saber, porque o policial que encontrou, encontrou em cima da mesa.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Então, você mesmo confessou que é normal todo mundo pegar a prova e jogar fora. Joga a droga fora, joga... Quer dizer, se a droga não estiver com ele, ou se não estiver no local onde ele estava, se não for achada a prova, aí não tem crime. Agora, como é que ele foge e deixa a prova do crime em cima da mesa?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Veja só: é um *chip* que foi largado. Da forma como estava acondicionado, não sei se estava espalhado, se estava tudo junto. Aí quem vai poder esclarecer é o Régis, que é o policial que virá depois. Mas é um *chip*, um panfleto de propaganda, é uma fotografia e outras coisas...

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Então, mas você não acha estranho isso? (*Pausa.*)

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Eu já vi...



O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Por isso que nos leva — eu estou falando isso, Geraldo — a desconfiar disso tudo. Porque é muito amadorismo para uma pessoa que vocês estavam procurando, como o Alemão, que disse que tinha matado, que é um cara perigoso, que é isso, que é isso. E ele deixar isso?!... Você mesmo acabou de confessar que todo mundo joga fora, mas ele não jogou. É um *chip* pequenininho. Se ele jogasse debaixo daquelas mesas, vocês nunca mais iam achar isso.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - No meu entender, ele não levou consigo. Se ele leva isso com ele, ele estaria com a prova em posse.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Mas ele não poderia ter jogado no chão. Ou na hora em que ele correr, ele jogar...

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Pode vê, se ele joga a 10 metros ou deixa na mesa, ia ser achado da mesma forma...

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Ah!... Geraldo, é isso só que não está batendo com aquilo que é normal. Aliás, uma série de coisas, dentre elas, essa também. Eu queria, por fim, dizer: você alguma vez, na sua investigação, você chegou a desconfiar que isso poderia ser uma armação, ou não?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Como eu já disse algumas vezes, vou repetir: gostaria, realmente, que essa história não tivesse ficado somente 2 dias conosco. Se fosse uma armação, estaria transcrito aqui nos autos como armação. O que nós conseguimos chegar nessa história, o que nos convence que essa história estava em andamento... Armação ou não, se alguém estava armando ou não, nós estamos convencidos de que houve encontros, houve viagens etc., etc. Tivemos 2 dias somente para apurar o que nós encontramos ali. Se nós tivéssemos condições de aprofundar essas investigações, como já foi dito aqui, eu poderia fazer outras afirmações para o senhor.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Pois não.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Cinquenta por cento do que eu disse aqui foram deduções, de experiência etc., etc. Mas a afirmação que podemos fazer é: foi encontrado esse material, uma pessoa revela fatos, e nós fomos apurar. E diante do que ele diz, muitas coisas comprovamos que é verdade.



O SR. JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Sr. Presidente, uma questão de ordem. Nós estamos caminhando aqui, Presidente, para uma delegacia de polícia. Acho que o intuito deste Conselho é apurar se houve quebra de decoro. É essa a nossa finalidade aqui. Não seria muito mais pertinente se agora, com a Relatora, com todas as informações que nós temos, encarregássemos a Polícia Federal de fazer essas informações e, a partir daí, começarmos a ver se houve quebra de decoro ou não? Porque não temos capacidade para fazer esse tipo de investigação, Presidente. Estamos querendo ser delegacia de polícia aqui. Vários delegados aqui investigando...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Pois é. É muito importante esse contato e os Deputados membros do Conselho conhecerem, e a Polícia Federal já está fazendo essa investigação. Eu acho importante esses esclarecimentos.

O SR. JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Ótimo. Se já estão fazendo em paralelo a investigação, essa resposta me atende perfeitamente. O senhor vai mais à frente do que eu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Já estão investigando, mas esse contato com os membros do Conselho é muito importante. Eu sou quero fazer um apelo aos próximos Deputados que se apressem nas perguntas. Ainda temos mais 3 testemunhas.

Então, o próximo Deputado é o José Eduardo Cardozo.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Serei breve, Sr. Presidente. Meus cumprimentos ao depoente, meu agradecimento por colaborar com esta Comissão. O senhor é que fez a ligação para o Deputado Carlos Willian, informando-o do ocorrido?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não, eu não fiz para o Carlos Willian. Nós ligamos para o telefone do Charles, que é um assessor dele. Foi na própria terça-feira, quando... para esclarecer o que estava acontecendo, se existia alguma... E ele — eu até já expliquei aqui — nos atendeu estranhamente. E nós não sabíamos que ele tinha sido vítima de um roubo no domingo anterior. Depois desse telefonema, e de ele ter nos estranhado e não ter dado nenhuma informação,



inclusive dito que não tinha mais ligações com o Carlos Willian, depois disso, o próprio Carlos Willian com mais alguém esteve na Superintendência da Polícia Federal de Belo Horizonte e de lá ligaram para o telefone que nós ligamos. Ele deve ter pego no bina. E ligaram para o telefone que nós ligamos. Aí perguntaram o que nos tínhamos. Nesse momento dessa ligação foi só para se esclarecer o seguinte: *“Há relação entre esse fato que está acontecendo na delegacia de vocês com o de cá? Nós não podemos afirmar, vocês podem?”* *“Não”*. *“O que está acontecendo aí?”* E explicamos o que estava acontecendo, ele viram lá. Eles mesmos, depois de outras conversas que tivemos com um agente da delegacia de Belo Horizonte, já disseram para nós que tinham uma outra linha de investigação, que acabaram até esclarecendo esse outro crime etc. etc. Mas esse telefonema foi só para isso. Aí, depois, veio... telefonemas, depois eram uns 40 por dia na delegacia — só para o senhor ter uma idéia — a respeito desse fato.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Agora, fez parte da investigação, então, essa ligação? Foi uma decisão sua fazer esse telefonema?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - É, veja só: nós encontramos no bolso do Odair um cartão do Carlos Willian, do assessor do Carlos Willian. Aí, nós ligamos e falamos: *“O que que o cartão da suposta vítima estaria fazendo no bolso do Odair?”*

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Ah! Então, não foi para informar ao Deputado Carlos Willian do ocorrido, a sua ligação?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Essa ligação era a tentativa de informar o que estava acontecendo, mas a pessoa reage da forma como ele reagiu conosco. Nós até estranhamos: *“Bom, tem alguma coisa acontecendo.”* Aí, depois nós fomos saber.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Quem decidiu fazer essa ligação, foi o senhor mesmo?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Eu fiz essa ligação.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - O delegado não pediu que o senhor fizesse?



O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Na hora em que nós mexemos na carteira do Odair, que ele começou a revelar esses fatos, foi uma coisa assim muito mecânica. *“Pô, esse cara tá falando que tem alguém que vai morrer.”* No início, ele mentia, dizia que era um fazendeiro que estava mandando matar, não revelava que era outro Deputado.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Mas o delegado não pediu, o senhor que fez essa ligação, então?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR Não, senhor. Não, senhor.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Não pediu?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não pediu.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Porque ele depôs agora há pouco dizendo que ele é que tinha pedido para o senhor fazer a ligação.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Mas fizemos várias ligações. Essa ligação, naquele momento em que achamos o cartão, fui eu que fiz, imediatamente.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Foi essa?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Sim.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Depois, o senhor fez outras ligações?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Depois foram feitas outras ligações.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Por quê?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Porque o Carlos Willian esteve na Polícia Federal. Isso foi por volta de meio-dia, 1 hora da tarde, quando esclarecemos isso aí. Nós fomos até a Igreja Quadrangular, na gráfica da Igreja Quadrangular, e detivemos o Celso, que é um assessor do Mário de Oliveira. Aí, foram feitas perguntas. Quem é o Celso? Para nós sabermos com que estávamos lidando. Aí, fizemos ligações. O Carlos Willian ligou no meu telefone, depois que eu deixei o telefone com o pessoal da Polícia Federal. Ele pegou. Pediram cópia do que nós tínhamos, nós mandamos via *e-mail* algumas cópias de coisas que nós



tínhamos. Houve uma comunicação, vários telefonemas, várias trocas de *e-mails* com o pessoal da Polícia Federal de Belo Horizonte.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Mas isso durante vários dias?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não, não houve vários dias, Deputado. Essa é a grande dificuldade que nós estamos tendo aqui de nos entender, exatamente por isso. Nós tivemos contato com esses fatos só durante 2 dias. Tudo isso que nós estamos contando aqui aconteceu em questão de horas.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Dois dias? Certo. Agora, quando o senhor, então, achou o cartão do Carlos Willian, o senhor já ligou.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Isso.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Qual era o objetivo exatamente?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Primeiro, comunicar que estava acontecendo isso lá em Osasco, saber se eram devaneios desse cara ou não, se essa pessoa existia mesmo, está certo? E também perguntar para ele se ele conhecia, se tinha alguém que podia vir até a delegacia para acompanhar, para fornecer mais subsídios.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Nesse momento, então, o senhor não falou com o Deputado Carlos Willian?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não, falei com o Charles.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Quando o senhor fala com o Carlos Willian?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - No momento em que ele vai para a Polícia Federal. Não consigo identificar quanto tempo depois. Mas não foi muito tempo depois, não. Da Polícia Federal ligam para a delegacia.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Da Polícia Federal ligam para a delegacia? O delegado federal liga para o senhor?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Liga para o telefone que foi ligado, que cai no setor de investigação. Para o senhor entender, são 2 telefones lá, o 36937073, que fica no setor de investigação, só atende lá embaixo, e o 36015000,



que é um PABX que distribui para o resto da delegacia, que são 3 andares acima. O Dr. Marcos fica 3 andares acima.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - As ligações não são bloqueadas lá não? Pode atender direto?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - O que você tem que fazer, quando faz a ligação, é comunicar numa planilha que existe lá que você está fazendo interurbano.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Quer dizer, o senhor recebe telefonema da Polícia Federal?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Na delegacia.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Quem ligou para o senhor?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Foi um delegado da Polícia Federal.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - O senhor não lembra o nome?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não lembro o nome.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Ele ligou e falou o que para o senhor?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Ele falou: *“Escuta, está acontecendo alguma coisa? Porque eu estou sendo procurado aqui. Uma pessoa disse que vocês fizeram um telefonema. O telefone dele está estranhando”*. Eu falei: *“Olha, o que está acontecendo aqui...”* Aí, eu expliquei o que estava ocorrendo naquele momento na delegacia. Ele falou: *“O que você acha disso aí.”* Eu falei: *“Você pode fazer algumas perguntas, no caso, para o Deputado aí?”* Aí, ele pergunta o seguinte — por exemplo, uma pergunta peculiar...

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Espera aí. Ele ligou para o senhor e pediu, então... Aí colocou o Deputado na linha?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Eles estavam na mesma sala.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Estavam juntos, aí ele colocou o Deputado na linha?



O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - É, conversei com o Deputado. Ele só agradeceu o que estava acontecendo e tal. E eu continuei conversando com essa pessoa. A conversa foi muito rápida. *“Olha, você acha que tem alguma relação?”* Eu falei: *“Olha, nós primeiro queremos saber se isso aqui é verdade”*. Eu queria saber o seguinte: *“Pergunta para ele se ele tem o carro X”*, aí dei o modelo e o tipo do carro. Ele fala: *“Tem.”* Porque nas gravações que nós ouvimos na delegacia, a pessoa cita esse carro. Então, é impossível que uma pessoa que está em Osasco, sendo ouvida, diga o carro que um Deputado tem em Belo Horizonte se aquela coisa não for verdade.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Perfeito. Para mim está claro. Agora, em que momento o delegado pede para o senhor ligar para o Carlos Willian?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não, ele não pediu para eu ligar para o Carlos Willian? Só falei como Carlos Willian depois, o Carlos Willian liga mais tarde.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Não, o Delegado, Dr. Marcos, em que momento ele pede para o senhor ligar para o Carlos Willian?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Isso é... Foram vários telefonemas. Mais no final da tarde, alguma coisa assim... foram feitas algumas ligações para o Deputado Carlos Willian, foram feitas algumas ligações... na gráfica, por exemplo...

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Mas a pergunta é: em que momento o Delegado Dr. Marcos pede para o senhor ligar para o Carlos Willian?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Ah! Foi no fim da tarde. Eu não sei o motivo.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Para quê?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Exatamente o motivo eu não sei.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Mas para quê ele pede?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não sei, não sei. Sinceramente eu não sei. Se ele conversou com o Carlos Willian depois, qual motivo foi, eu não sei.



O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Não, é que ele depôs aqui dizendo que ele pediu ao senhor que ligasse para o Deputado Carlos Willian para comunicá-lo do fato. Mas o senhor já o tinha comunicado do fato.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não, não tinha comunicado, porque eu não tinha conseguido falar. Quando eu voltei, falei: *“Doutor, eu liguei para um camarada lá que é assessor da pessoa e estranhou a ligação, não tem nada a ver...”* “Ele falou: *“Então, procura ligar.”* A policial Antonieta entrou no site do Carlos Willian, procurando o telefone e tal. Depois, lá debaixo foram feitas algumas ligações por ela também e por outras pessoas, na tentativa de falar com essa pessoa. Até no telefone celular.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Falar com o Carlos Willian?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Falar com o Carlos Willian, na tentativa de falar. Eu já tinha falado com ele na Polícia Federal, mas muito rapidamente; aí depois foram feitas outras tentativas, para avisá-lo de que ele teria morrido. Nem sei se foi no mesmo dia ou no dia seguinte. Essa história começou 11 da manhã — nós viramos a noite — e terminou 6, 7 horas da noite do outro dia.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Bom, mas, veja, não haveria mais necessidade de o doutor delegado pedir para senhor ligar para o Carlos Willian, porque ele já sabia do acontecido, tanto que estava na Polícia Federal e o delegado havia conversado com o senhor. Então há uma... Pode parecer pequena, mas há uma clara colidência do seu depoimento com o do doutor delegado que o antecedeu aqui. Eu queria apenas entender por que isso acontece. Eu estranhei profundamente que o delegado da Polícia Federal tivesse ligado diretamente para o senhor e não para ele, que preside o inquérito. Ele mesmo acabou reconhecendo que isso foi um procedimento atípico. Claro, porque os delegados se comunicam entre si.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Posso...

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Pois não.



O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Eu acho que, no bina do telefone do Charles, que foi passado o telefone, dentro da Polícia Federal, para alguém que ligasse. Por isso que o telefonema caiu nesse telefone que fica embaixo.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Não, até aí eu entendi. O que eu não entendi foi o procedimento de vocês lá, objetivamente, porque eu achei estranho o delegado federal ligar. Agora, pode ser o bina que ligou para o senhor. Tem todo um cone de explicações. Claro. O que me parece estranho é que ele falou: *“A mando de quem o Seu Geraldo ligou?” “Eu pedi a ele que ligasse.” “Para quê?” “Para informar...”* Agora, veja, o senhor não tinha tido nenhum contato com o doutor delegado quando fez a ligação. O senhor já tinha falado com o Deputado Carlos Willian. O Deputado Carlos Willian já sabia do que estava acontecendo. Então, não haveria sentido que, depois disso, ele ligasse para o senhor pedindo que o senhor ligasse para informar alguém que já informado estava.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Isso.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - É isso que eu não estou entendendo.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Para o senhor... Mais ou menos explicando o que aconteceu em todo esse... Foi feito um ofício, da delegacia — está numerado lá —, na mesma data. Foi encaminhado para a delegacia da Polícia seccional nossa lá da cidade, comunicando que estava acontecendo isso, que havia uma eminência de acontecer alguma coisa com esse Deputado. Foi feita essa ligação para... Foi feita essa ligação, da Polícia Federal, para nós. Foram feitas algumas ligações posteriores, tentando falar com o Carlos Willian. Foram feitas ligações para falar com o Mário de Oliveira. Foram feitas ligações, da Superintendência da Polícia Federal, para nossa delegacia.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Ah, ligaram para o Mário de Oliveira?!

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Tentaram ligar...

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Tentaram ligar. Quem tentou ligar para o Mário de Oliveira?



O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - ...no dia seguinte... Eu preciso ver lá na delegacia. Tem as anotações.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - E o objetivo de ligar para o Mário de Oliveira qual era?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Veja só: o Odair e o Celso, a todo momento, eles estiveram na delegacia, não pediram a presença de advogado — nós cientificamos que eles tinham direito a isso —, não pediram acompanhamento de ninguém, e no dia seguinte havia interesse nosso de que o Mário de Oliveira viesse até... ou mandasse alguém até a delegacia porque envolvia... era uma coisa para nós, de certa forma... e esclarecimentos também. Foram feitas pesquisas a respeito de placas de carro. Foi feito tudo o que é possível fazer para identificar essas pessoas e telefones, na delegacia. Várias pessoas fizeram telefonemas para nós. Essa coisa estourou em Minas Gerais não sei de que forma. Para o senhor ter uma idéia...

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Só pelo fato de eles não terem pedido advogado, eles irem prontamente, já não se suspeitava que isso poderia também ser alguma armação de quem não quer se defender ou de quem quer que o fato seja noticiado?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Olhe, sinceramente, eu, na hora que eu conversei com o Celso, que eu estive na Igreja Quadrangular e eu me identifiquei para o Celso como policial, nós estávamos próximos da cozinha da gráfica; ele imediatamente pediu uma chave de uma sala para alguém e se trancou numa sala conosco. Nós dissemos a ele qual tipo de acusação que estava sendo imputada a ele naquele momento. Cientifiquei ele que era o Odair, que era uma pessoa ligada a eles na igreja. Ele reagiu com frieza. Na saída... No meu entender, você está sendo conduzido do centro de São Paulo até uma delegacia na periferia de Osasco, você avisaria alguém. Eu falei: *“O senhor quer avisar algum advogado?”*. *“Não, não quero.”* Saiu, não comunicou à secretária, não comunicou à recepcionista, não comunicou ninguém. Simplesmente, eu falei para ele: *“O senhor quer ir no seu próprio carro ou quer ir conosco?”* *“Não, eu vou no meu carro.”*



O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - O senhor ligou para o Mário de Oliveira. Já sabia que ele era Deputado?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não, o Odair, ele dizia para nós que ele era fazendeiro. Inclusive, num determinado momento — até está filmado...

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Como é que ligaram para ele? Como é que conseguiram o telefone dele? No *site* do Deputado?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Tem na Internet? Até o endereço residencial dele para confrontar.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Do Deputado?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Dos 2 Deputados.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - O senhor já sabia que ele era Deputado?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Depois que ele revelou. Ele dizia que era fazendeiro; num determinado momento, quando ele viu que a coisa não ia ter como segurar, ele revelou que era Deputado.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Então, o senhor foi ao *site* e descobriu. O senhor não acha que, a partir daí, o senhor devia subir a informação para o delegado ligar para o Deputado?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Ligar para quem? Para o Mário de Oliveira?

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Para o delegado, para o delegado... Ou então... O senhor não achou estranho o senhor ligar para o delegado, para o Deputado?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Por que necessariamente teria que ser o delegado? Até agora eu não entendi essa questão porque...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Deputado José Eduardo Cardozo, conclua, por favor.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - O senhor já tinha tido algum contato com o Deputado Carlos Willian anteriormente?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Como?



O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Contato com o Deputado Carlos Willian anteriormente?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Antes dos fatos?

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Antes desses fatos.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Nunca.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Nunca tinha tido. Não o conhecia...

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Nem sabia que ele existia.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Nem nunca havia conversado com ele?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Nem que existia essa pessoa.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Nem contato com a Igreja Quadrangular?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Nunca, nunca, nunca. Nem tinha ouvido falar do Carlos Willian, nem de Mário de Oliveira, nem de ninguém. Para nós foi uma surpresa; aliás, uma surpresa ruim.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - É freqüente, na delegacia que o senhor trabalha, receberem denúncias anônimas?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - É também.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - É?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Nós recebemos denúncias anônimas via telefone... Lá a gente vê aquele telefone Disque-Denúncia também...

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Em todas as denúncias anônimas que os senhores recebem a operação que é montada é a mesma?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Depende do tipo de crime. Veja só...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Ele já admitiu aqui que foi uma fonte.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Ah, foi?! Eu não sabia.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Eu vou explicar para o senhor.



O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Ah, foi uma fonte! Porque eu perguntei isso ao Dr. delegado, e ele me disse que não. Eu até aventei essa hipótese de os senhores justamente... Porque é comum a Polícia, quando tem uma fonte e quer preservar a fonte, não querer... Eu perguntei, o delegado disse que não.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Veja só: e pelo volume de denúncias e trabalho também que...

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Estou satisfeito.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - a delegacia tem a gente filtra algumas coisas também e se vai só no que acha...

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Então, eu estou absolutamente satisfeito, porque a minha linha de raciocínio, para justificar, era exatamente esta: que fosse uma fonte e vocês estão preservando a fonte, dizendo que é uma denúncia anônima. Por isso que eu perguntei ao Dr. delegado. O Dr. delegado me disse que não — aí que eu fiquei mais espantado. Mas agora o senhor confirma que realmente... Então, havia procedência na minha ilação.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Obrigado, Deputado.

Com a palavra o Deputado Paulo Piau.

O SR. DEPUTADO PAULO PIAU - Sr. Presidente, para economizar tempo também, eu só queria perguntar, com a experiência de policial que o Geraldo tem, como é que ele classifica essa posição do Odair — pelo depoimento dele, inclusive com a mudança de depoimento dele, quer dizer, ele tinha uma direção, da sua participação e do seu enfoque e depois ele alterou esse enfoque. Como é que, na sua posição de policial... E uma pessoa que viajava freqüentemente, tinha uma relação muito grande com a igreja, mas, ao mesmo tempo, era uma pessoa simples da igreja. Quer dizer, na sua visão de policial, como é que é essa postura do Odair?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Bom, quero agradecer a pergunta do senhor, porque essa realmente é uma defesa até para mim e para os meus colegas que trabalharam nesse caso aí. Essa mudança de versão dele e esses absurdos que ele falou aí não existe a menor possibilidade de comprovar. E as provas que já estão juntadas aqui dão conta de que tudo o que aconteceu é a verdade. Essa mudança de versão dele, absurda dessa forma, não provada, já é



uma forma de provar o início das investigações que estão dizendo a verdade. Espero que eu tenha conseguido transmitir a minha linha de pensamento. Alguém que entra numa linha de defesa... Quando nós filmamos essa história lá atrás, que está causando toda essa polêmica da filmadora aqui nas perguntas, nós já sabíamos que... Na nossa experiência, principalmente em tráfico de entorpecentes, quando você chega no fórum que o advogado não tem defesa e não tem para onde sair, fala que apanhou da Polícia, fala um monte de absurdos. E a nossa defesa qual é? Nos precaveremos antecipadamente. E foi isso o que aconteceu. E agora ele vem com esses absurdos aí, acusando a gente desse tipo de coisa e dizendo que foi armação do Carlos Willian! As provas estão aqui. Eu pegaria o voo que ele fez, no dia 14, de Brasília para Belo Horizonte, e via quem pagou a passagem dele. No mesmo voo, estava ele, o Carlos Willian e o Mário de Oliveira. Alguém comprou 2 passagens nessa história. Se foi o Carlos Willian, era armação do Carlos Willian; se quem passou a passagem do Odair foi o Mário de Oliveira, quem estava preparando tudo era o Mário de Oliveira.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Deputado, V.Exa. já encerrou?

O SR. DEPUTADO PAULO PIAU - Já.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Deputado Professor Ruy Pauletti.

O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI - Eu quero cumprimentá-lo pela firmeza da sua posição. Eu me dou por satisfeito, vi que a Polícia agiu certo, embora tenha sido por acaso que descobriu essa trama, porque foram lá para prender o Alemão e o Odair estava de intrometido lá no caso. Eu acho que levaram adiante e fizeram um bom trabalho, pelas suas respostas, pela firmeza das suas posições.

Agora, não ficaram claros os motivos. Eu não sei. A dupla Mário e Willian era uma dupla dinâmica: trabalhavam juntos na igreja, aqui na política, nas festividades, etc., e, de uma hora para a outra, quebrar essa amizade aí, não dá para entender.

Então, eu me dou por satisfeito e quero cumprimentá-lo pelo seu depoimento. E, como não houve cadáver, também não haverá prisões.



O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Graças a Deus.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Sr. Presidente, só mais uma pergunta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Deputado Antônio Andrade, por favor.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Depois o senhor me permite só uma pergunta. É rapidinho.

O SR. DEPUTADO ANTÔNIO ANDRADE - Sr. Presidente, quero cumprimentar o Geraldo, que foi mais esclarecedor do que o delegado. O delegado parece que não queria falar nada; queria chegar aqui mudo e sair mudo. Mal respondia as perguntas que lhe eram formuladas.

Mas alguma coisa eu gostaria de esclarecer. O Deputado Carlos Willian disse que tinha recebido 2 ligações e que não tinham sido atendidas, que não tinha sido atendido até por medo desses seqüestros relâmpago, dessas situações que têm, mas que depois retornou as ligações. Primeiro, no mesmo dia que foi feita a prisão do Odair, vocês da Delegacia ligaram para o Carlos Willian?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Para o Charles.

O SR. DEPUTADO ANTÔNIO ANDRADE - O Charles ligou para o Carlos Willian. Não. Ligou para o Carlos Willian ou para o Charles?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Charles.

O SR. DEPUTADO ANTÔNIO ANDRADE - Para o Carlos Willian? Não teve nenhuma ligação da Delegacia, de vocês, para o Deputado Carlos Willian, não?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Veja só. Se nós tivéssemos que ter procurado o telefone do Carlos Willian, talvez tivéssemos ligado para ele.

O SR. DEPUTADO ANTÔNIO ANDRADE - O.k.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Mas existia um outro caminho muito mais rápido que era o cartão que estava aqui. Então, já foi feito logo para o Charles.

O SR. DEPUTADO ANTÔNIO ANDRADE - Geraldo, você viu a fita que foi... a fita do *shopping*?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Vi, sim, senhor.



O SR. DEPUTADO ANTÔNIO ANDRADE - Dá para identificar bem... Se você vir o Alemão aqui, dá para identificar?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Quem conhece, quem assiste com bastante atenção e tiver... Quer dizer, são alguns pontos... Por exemplo, se alguém disser de novo que o Alemão está em determinado lugar, agora, sim. Se ele passar por aqui, talvez a gente tenha alguma dificuldade. Mas se disserem: “O Alemão está em determinado lugar”. Entre as pessoas que estiverem lá, vai dar para diferenciar ele das pessoas, pela imagem que nós temos lá.

O SR. DEPUTADO ANTÔNIO ANDRADE - Pela imagem do *shopping* dá para identificar mais ou menos.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Posso fazer uma colocação, doutor?

O SR. DEPUTADO ANTÔNIO ANDRADE - Por favor.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Essa imagem do *shopping* também, já prevendo o que ia acontecer, no dia seguinte, nós fizemos um ofício para o *shopping*, pedindo essas imagens.

O SR. DEPUTADO ANTÔNIO ANDRADE - Requisitando a eles.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Por quê? Porque quem procura a imagem não somos nós, é a própria Segurança do *shopping*. Nós queríamos comprovar que esse encontro houve. E quem achou esse encontro lá dentro, quem achou o percurso que eles fizeram dentro do *shopping*, foi a própria Segurança. Eles nos forneceram. Nós, depois, assistindo a essa filmagem, nós vimos os 2 na mesa. Aí, agora, se o Alemão estivesse dentro da sala, eu conseguiria identificá-lo, se alguém dissesse que ele estaria aqui. Aí seria fácil. Naquele dia, era um pouco mais difícil.

O SR. DEPUTADO ANTÔNIO ANDRADE - Essa gravação hoje está em poder de quem? A do *shopping*?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Essa gravação, como foi dito, com relação a uma possível... Quem o senhor imaginar que podia pedir, já pediu. Até a Polícia Federal há um mês atrás já recebeu. Todos os dados, gravações, documentos já foram encaminhados para a Polícia Federal, assim que foi definido



pelo Supremo qual seria a Delegacia da Polícia Federal que tomaria conta. Achávamos que seria Belo Horizonte, acabou sendo aqui em Brasília.

O SR. DEPUTADO ANTÔNIO ANDRADE - Só uma informação, Sr. Presidente, o inquérito hoje está sendo apurado não é com vocês, está sendo apurado em outra Delegacia, é isso?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - A Justiça de Osasco entendeu que ...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Hoje o inquérito está na Polícia Federal.

O SR. DEPUTADO ANTÔNIO ANDRADE - Tá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - E foi encaminhado, inclusive, para o Supremo Tribunal Federal. E o Relator, Ministro Pertence, saiu do Supremo. Agora, vamos aguardar quem é o novo Relator.

O SR. DEPUTADO ANTÔNIO ANDRADE - Ótimo. Uma coisa que não ficou bem clara. Eu não entendi. Desculpe a minha ignorância quanto às apurações policiais. Você disse que tinha recebido a informação mais ou menos às 10 horas, que o Odair, esse possível matador, estaria no *shopping* em torno das 11 horas. Como você recebeu a denúncia, a informação de que ele estaria de moto? Foi informado também que ele chegaria de moto?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Deixe eu explicar para o senhor.

O SR. DEPUTADO ANTÔNIO ANDRADE - Só para ficar claro.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Primeiro, a pessoa que recebeu a informação foi outro policial.

O SR. DEPUTADO ANTÔNIO ANDRADE - O policial Régis.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - O Régis. Ele é subordinado a mim, automaticamente ele traz a informação e eu já comunico ao Delegado que a gente vai fazer a diligência. Essa definição de horário pode variar um pouco também, um pouco mais, um pouco menos etc, etc. Da informação até nós nos prepararmos e conseguirmos localizar a pessoa etc. etc. para ir até esse lugar também demanda um pouco de tempo. Então, tá parecendo assim que nós tivemos uma hora para atravessar São Paulo. Não é assim.



O SR. DEPUTADO ANTÔNIO ANDRADE - Não. É só uma informação. Você disse que tinha informação que esse possível criminoso estaria de moto, por isso você, inclusive, foi para onde fica o estacionamento de moto.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Quem viria encontrar com o Alemão estaria de moto.

O SR. DEPUTADO ANTÔNIO ANDRADE - Quem viria encontrar com o Alemão estaria de moto. Essa informação você já tinha?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO ANTÔNIO ANDRADE - Que ele estaria de moto. Aí você se posicionou junto à porta que saía para as motos?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - No *shopping* só tem um estacionamento de moto. Ele fica nos fundos e tem o estacionamento vip, que as pessoas também param. Então, as pessoas normalmente entram por aquela porta. Aí eu e o Régis ficamos nessa porta, que é uma das portas principais do *shopping*. E o Mauro e a Antonieta ficaram do outro lado dessa saída, que seria... A praça da alimentação fica no meio, para o senhor ter uma idéia. É um *shopping* imenso.

O SR. DEPUTADO ANTÔNIO ANDRADE - Pela visão da fita, você diz que o Odair com o Alemão tiveram no máximo 45 minutos de encontro.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Quarenta e cinco segundos.

O SR. DEPUTADO ANTÔNIO ANDRADE - Quarenta e cinco segundos.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Quarenta e três a 45 segundos.

O SR. DEPUTADO ANTÔNIO ANDRADE - Você acha que esse encontro foi rápido porque perceberam a chegada de vocês, vocês chegaram na hora?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Não sei. Isso é tudo dedução. Com todo o respeito.

O SR. DEPUTADO ANTÔNIO ANDRADE - Ou pela fita?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Essa câmera que registra essa imagem, se vocês quiserem...

O SR. DEPUTADO ANTÔNIO ANDRADE - Ela não registra a chegada dos 2 na mesa, não?



O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Essa câmera é uma câmera *domus*. A gente chama ela de câmera *domus*. É uma câmera que fica se movimentando.

O SR. DEPUTADO ANTÔNIO ANDRADE - Girando.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Então ela passa... No primeiro momento em que ela passa, ela já registra os 2. Quando ela volta, eles já não estão mais juntos. Então, você marca pelo seguinte...

O SR. DEPUTADO ANTÔNIO ANDRADE - Ela não registrou a chegada dos 2 à mesa.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Para o senhor ver o trabalho que foi feito por esse *shopping* aí, quem observar — estão à disposição, nós imprimimos as cópias — eles localizam várias câmeras dentro do *shopping*...

O SR. DEPUTADO ANTÔNIO ANDRADE - Certo.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - ... que eles passaram. Então, do momento que eles localizam o encontro, eles vão voltando as outras câmeras para trás. Eles acham a porta que eles passaram — que nós não sabíamos —, eles viram a entrada. Está registrado isso. Depois que nós prendemos, o Odair sai acompanhado por mim e pelo policial Régis. Eles registram o momento da saída, nessas câmeras. E tudo isso foi feito um trabalho pelo *shopping*. Então, não é só essa câmera que passa. O que eu digo, o que eu posso afirmar — que durou entre 43 e 45 segundos —, o senhor assistindo a filmagem, no momento em que está passando a filmagem tem a contagem do tempo lá. Então, o senhor vai contar 43 segundos.

O SR. DEPUTADO ANTÔNIO ANDRADE - Tá o.k., Sr. Presidente, obrigado.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Sr. Presidente, eu queria fazer só 2 questões.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Solange, eu não posso só perguntar primeiro e, depois, você termina?

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Claro. Você pode tudo, Deputado.



O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Desculpe. Eu queria só perguntar uma coisa ao Geraldo. Você deu um outro quadro aqui do que estamos perguntando, Geraldo. O que eu não concordo com você, talvez por falta de informação sua, do que nós já temos aqui... Porque nós já ouvimos os 2 Deputados, nós já conhecemos mais ou menos esta questão da igreja, esse rolo deles aí. Então é possível, por exemplo, para quem armar, pegar a pessoa mais próxima. Isso é elementar. Então, falar que ele teve a passagem, quem pagou a passagem, eles estarem juntos, não nos convence que é em função disso, que é isso que leva a ser verdade. Eu queria, na sua experiência policial...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Mas nós vamos requisitar. Já autorizei, inclusive.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Pois Não. Mas isso não é o suficiente, não é elemento suficiente para nossa convicção, até porque nós já conhecemos tudo isso. Eu queria saber se você tem mais indícios que você poderia passar para nós aqui de que de fato isso não foi uma armação e que foi de fato uma tentativa de homicídio.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Eu me prenderia a alguns pontos aí, se nós tivéssemos tido a oportunidade de continuar nessa informação...

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Pois não.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - ... seria o que me convence hoje. O primeiro ponto. Se o próprio Odair me relata o seguinte: que ele voa a Belo Horizonte, e ele faz contato com uma determinada pessoa, que vem trazer a ele carro, para ele circular, que vem trazer a ele dinheiro para pagar um determinado matador etc., etc., quebrando o sigilo telefônico dessa pessoa, vai-se saber se no momento... Eu forneci, já mandei cópias aqui para a Comissão, as planilhas dos vôos. Aqui tem o horário exato de chegada do Odair nos pontos que ele viajou. Ele chegou lá, ele usou o telefone público e ligou para alguém. Para quem que ele ligava? Para o Marquinhos, que é o motorista do Mário de Oliveira. Isso é o que ele nos passa. Eu gostaria de ter tido a possibilidade de comprovar, que é o que a Polícia Federal e vocês aqui têm a capacidade de fazer agora. Feito isso, se ele ligava para o Marquinhos ou não ligava para outra pessoa, por que que ele... Por



que para o Marquinhos? E o Marquinhos, vinha até ele ou não vinha? Tem o hotel que ele ficou hospedado e tem uma serie de outras coisas. Então, esse é o primeiro ponto que eu me prenderia. Segundo ponto. Ele se comunicou algumas vezes, com uma certa frequência, uma certa incidência maior aí, nos momentos que antecederam à possível conclusão, que seria no dia 21. Nós prendemos ele no dia 19. Ele esteve aqui em Brasília no dia 14 — 5 dias antes. Então, são fatos também que ocorreram anteriormente. Há um panfleto que foi apreendido — que está nos autos aí —, de um evento no dia 31 março em Belo Horizonte. Ele esteve no meio de março em Belo Horizonte. Não foi também pelo mesmo objetivo de colher subsídios? Eu, no meu pensamento de policial, na minha investigação: Pô, alguém se preocupa em saber em que vôo que o Carlos Willian vai embarcar — se for um plano de morte realmente... Ele embarca no dia 13 de são Paulo para Brasília. No dia 14, ele embarca no mesmo vôo que a suposta vítima morreria. Por que que, dentro do avião, ele senta 2 bancos atrás da vítima e o suposto — que seria o nosso objeto de investigação, o Deputado Mário de Oliveira — senta na frente do avião? Nesse momento, ele desce. Essa ligação que ele faz, que ele passa as coordenadas para o Alemão, por exemplo: *“Olha, ele vai descer em Confins, ele vai entrar numa Safira bege, ele vai pegar tal estrada.”* Não foi nesse dia — por dedução, por lógica, por questão de raciocínio policial —, não foi nesse dia que ele veio para estudar os hábitos dessa vítima? Por que que alguém pagaria uma passagem para embarcar no mesmo vôo que essa vítima e ele desceria no mesmo aeroporto etc. etc.? Então, são coisas que dependeriam de comprovação. E o grampo telefônico agora não vai servir mais para nada, porque... Somente as ligações telefônicas anteriores. Mas um grampo telefônico completo, se tivesse na mão da minha equipe, com toda certeza, alguns dias depois da prisão do Odair, o Alemão estaria preso para poder esclarecer tudo o que está acontecendo. E nem... Daria a comprovação de quê? De que ele não se relacionou somente por telefone. Ele esteve em Brasília. Ora, eu sou Deputado, eu dou 4 documentos de pessoas ligadas ao meu gabinete, eu usei verba parlamentar para cobrir despesas minhas, eu fiz despesa em Brasília, essa outra pessoa fez despesa em Belo Horizonte — porque o Marquinho não estava com ele em Brasília. O Mário de Oliveira, ele é que



fez revelações. Se eu dissesse para o senhor que o Odair ficou conosco 2 dias na delegacia. Depois, ele é uma pessoa de fácil trato. Não precisaria de forma alguma ter colocado a mão nele para ele falar o que ele falou. Ele é um tagarela. Na gíria policial ele é um perfeito cagüeta. Ele falou coisas para nós da intimidade, da vida pessoal desse Deputado que realmente me envergonham. Eu sou um policial de periferia, não sou ninguém. Coisas que eles fizeram juntos, viajaram. Ora, nessas despesas que ele cumpriu... Está certo? Onde é que foi? Diz que viajou para o Rio de Janeiro. Uma pessoa que é...

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Desculpa interromper. Essas coisas... Porque também há uma outra linha nossa aqui. O que seria vergonha? Você pode falar, Geraldo. Isso... Sem nenhum... Porque isso também é o que nos leva a algumas suspeitas. O que é vergonha? Pode falar, porque você vai nos ajudar.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Eu, como ...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Eu acho melhor, Deputado, que se ele tiver que falar alguma coisa nesse sentido que ele fale reservadamente para os membros do Conselho. Inclusive, lá no gabinete da Presidência.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Está certo.

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Se tivesse condições de colocar, nós tínhamos colocado.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Eu queria concluir, então, só fazendo esta última pergunta: você, com sua experiência, tem a convicção de que isso foi um plano para matar o Deputado?

O SR. GERALDO BUSCARIOLLI JÚNIOR - Convicção de que o plano estava em andamento eu tenho toda. Toda. Toda. Só teremos certeza se essa coisa ia acontecer realmente ou não se tivesse chegado a quinta-feira, que, felizmente, não chegou.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Só isso, Geraldo, obrigado.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Vou só fazer 2 perguntas...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Vamos fazer o seguinte...

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Questão de ordem, Sr. Presidente.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Pois não.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Eu acho que tem uma parte do depoimento que... De fato, a preservação da vida privada é de fundamental importância. Porém, há fatos que talvez sejam de importante relevância para nós, da Comissão. Então, eu indago a V.Exa. se não seria o caso de transformar esta sessão, agora, em reservada, a partir de agora.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Só para ele responder.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Sim. Nós podemos, então, ir até a sala da Presidência...

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Só que não tem gravação aí, Sr. Presidente. Essa é a questão que eu pondero. Porque, posteriormente, como é que certas situações vão aparecer nos autos?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - O importante, Deputado, é nós, membros do Conselho e a Relatora, sabermos dos fatos.

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - Sim.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Ele iria conosco?

O SR. DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO - É uma sugestão que faço a V.Exa. Nós iríamos até a sala e depois veríamos da propriedade de se fazer uma sessão reservada formal sobre as questões que foram colocadas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Aí, sim. Está bom. Então, eu suspendo a reunião por 5 minutos. Voltaremos. *(Pausa.)*

Eu quero agradecer ao Sr. Geraldo Buscariolli a presença aqui.

O depoimento dele está encerrado.

Nós iremos ouvir, posteriormente, o Sr. Régis, mas, antes vamos ouvir a Sra. Antonieta Buonopane, na sala da Presidência, numa reunião sigilosa. E posteriormente nós ouviremos, então, o Régis.

Está suspensa a sessão.

Convido o ilustre Deputado Paulo Piau para presidir a partir de agora.

(A reunião é suspensa.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Piau) - Estão reabertos os nossos trabalhos.



Eu submeto, na forma do requerimento, aos pares Deputados a proposta de transformação desta reunião em reunião reservada.

Os Srs. Deputados que estiverem de acordo permaneçam como se encontram. *(Pausa.)*

Aprovado.

Informo que, havendo deliberação nesse sentido, somente será permitida a presença dos Parlamentares, funcionários necessários ao serviço da reunião e técnicos ou autoridades que este Colegiado convidar. Evidentemente, o advogado das partes também poderá permanecer aqui.

O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS - Sr. Presidente, pela ordem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Piau) - Pela ordem. Dá licença...

O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS - Eu estou subestabelecendo para esse efeito o Dr. Jefferson Campos para me acompanhar nesta sessão, meu colega advogado. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Piau) - Perfeito. Acho que não há inconveniente outro nesse sentido.

Então, pedimos a compreensão das pessoas para que possamos dar seqüência aos nossos trabalhos. Por favor. *(Pausa.)*

Estão suspensos, por alguns minutos, os nossos trabalhos.

(A reunião é suspensa.)